



O primeiro periódico caricato sul-rio-grandense e as imagens do feminino

(Sentinela do Sul, 1867-1868)

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



CIDH

Cátedra Convidada FCT / Infante Dom Henrique
para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização



**O primeiro periódico
caricato sul-rio-grandense e
as imagens do feminino
(*Sentinela do Sul*, 1867-
1868)**



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Carlos Carranca

- Universidade Lusófona -

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos

- Universidade do Vale do Rio dos Sinos -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra Infante Dom Henrique (CIDH) -

José Eduardo Franco

- CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Vania Pinheiro Chaves

- CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

**O primeiro periódico
caricato sul-rio-grandense e
as imagens do feminino
(*Sentinela do Sul*, 1867-
1868)**



CIDH

Cátedra Convidada FCT / Infante Dom Henrique
para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2019

**DIRETORIA DA CÁTEDRA INFANTE DOM HENRIQUE
PARA OS ESTUDOS INSULARES ATLÂNTICOS E A
GLOBALIZAÇÃO**

Diretor: José Eduardo Franco

Diretor-Adjunto: João Relvão Caetano

Secretária: Aida Sampaio Lemos

Tesoureira: Joana Balsa de Pinho

Vogais: Maurício Marques, Paulo Raimundo e Carlos Carreto

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Mauro Póvoas

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Ronaldo Oliveira Gerundo

1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Roland Pires Nicola

Ficha Técnica

- Título: O primeiro periódico caricato sul-rio-grandense e as imagens do feminino (*Sentinela do Sul*, 1867-1868)
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 30
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2019

ISBN – 978-85-67193-36-6

SUMÁRIO

**As origens da imprensa caricata sul-rio-grandense:
a *Sentinela do Sul* e o feminino.....7**

**A recorrente vilania: os defeitos atribuídos ao
feminino.....18**

Encontros e desencontros nas relações a dois.....41

Modas, modas... e mais modas.....79

As origens da imprensa caricata sul-rio-grandense: *a Sentinela do Sul* e o feminino*

Visando primordialmente a promover o riso, sem deixar de lado o espírito crítico, o qual poderia também levar à reflexão, a caricatura associada à imprensa desempenhou um papel relevante em meios às práticas jornalísticas do século XIX. Com estilo e norte editorial próprios, o jornalismo essencialmente caricato retratou as vivências sociais sob um prisma peculiar, recriando as realidades retratadas a partir de um olhar propositadamente distorcido e caricatural.

A imagem constitui um ponto fundamental nas formas de comunicação humana. Mesmo entre as

* Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016) à Universidade do Porto (2017) e à PUCRS (2018). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e trinta livros.

Este livro corresponde ao trabalho desenvolvido no Estágio Pós-Doutoral realizado junto à UNISINOS, sob a supervisão da Profa. Dra. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, com o Projeto intitulado “A imprensa caricata sul-rio-grandense e a construção de imagens femininas no século XIX”, dando continuidade ao primeiro, ao vigésimo e ao vigésimo segundo volumes publicados nesta Coleção.

civilizações articuladas e letradas, ela desempenhou papel marcante na inter-relação informativa entre as pessoas e no seio da imprensa foi um atrativo significativo. No que tange às lides jornalísticas do século XIX, o uso da imagem representou significativo avanço, nem sempre atingido a contento, uma vez que as condições tecnológicas permitiam, na maioria das vezes, apenas a inserção de desenhos normalmente reduzidos no tamanho e/ou, quando maiores, repetidos recorrentemente para demarcar uma determinada seção ou ainda na parte dedicada aos anúncios, como no caso da impressão dos clichês. Já nas décadas finais daquela centúria, a fotografia dava seus passos iniciais, entretanto a sua incorporação ao jornalismo constituiria um processo que ainda levaria muito tempo para consolidar-se. Tal espaço para a utilização da imagem a serviço da imprensa seria então ocupado pelas folhas caricatas que encontrariam grande popularidade à época.

No caso brasileiro, a caricatura expressa através de jornais publicados explicitamente com esse fim teria um avanço inexorável e com maior ênfase a partir da segunda metade do século XIX e, nas últimas décadas desse, se espalharia pelas províncias. Os jornais caricatos, além do norte editorial que normalmente lhes caracterizava, ligado ao humor, à ironia e ao espírito crítico, viriam a ser também um razoável veículo voltado à difusão de opiniões/informações. As folhas caricatas não chegavam a contar com a credibilidade típica dos longevos e tradicionais diários, mas conseguiam trazer até o leitor algo que aqueles não podiam, pois, exemplificativamente, ao passo que os diários tinham de desenvolver longos parágrafos para descrever determinado evento, aos caricatos, bastava um desenho bem elaborado. Nesse sentido, além de reproduzir caricaturalmente várias estruturas e circunstâncias da sociedade brasileira, a imprensa caricata trazia a lume a

descrição iconográfica e caricatural de determinadas realidades.

No rol das publicações caracterizadas como uma pequena imprensa, o jornalismo caricato se tornou extremamente popular no Brasil do século XIX. Com textos normalmente mais diretos e em linguagem popular, ou ao menos mais próxima aos leitores, associados ao grande atrativo das imagens, tal periodismo teve significativo sucesso no Império e espalhou-se por muitas de suas províncias, mormente nas localidades de maior expressão. Os caricatos obtiveram significativa expressão, à medida que os seus desenhos e textos não atingiam apenas o público leitor, mas também se expandia a partir dos tantos comentários que sua postura mais incisiva em geral gerava.

Tal processo também se desenvolveria na conjuntura sul-rio-grandense, por meio de *A Sentinela do Sul*, folha pioneira dentre as publicações caricatas gaúchas. Esse semanário, precursor nas lides da caricatura no Rio Grande do Sul, foi editado na capital da província, entre julho de 1867 e, provavelmente, a virada entre 1868 e 1869. Júlio Timóteo de Araújo e Manoel Felisberto Pereira da Silva eram seus proprietários, a sua impressão era feita na Litografia Imperial de Emílio Wiedemann, enquanto as ilustrações ficavam a cargo de Inácio Weingärtner, que atuava como gravador naquela empresa. *A Sentinela* apresentava-se como jornal ilustrado, crítico e joco-sério e, com humor, lembrava que seria publicada diariamente, com exceção dos dias de semana, custando, primeiramente, 9\$000 por semestre, 16\$000 por ano e \$440 réis, o número avulso, passando, mais tarde, a 12\$000 e 14\$000 anuais, respectivamente para os assinantes da capital e de fora dela. Em meio aos modelos normalmente mais críticos e ácidos das folhas caricatas, *A Sentinela* manteve sua construção discursiva e suas

manifestações pictóricas em padrões razoavelmente mais amenos e moderados (FERREIRA, 1962, p. 13-27).

Essa publicação manteve padrões de significativa qualidade gráfica para os modelos da época, graças ao bom trabalho como gravador, retratista e calunguista promovido pelo seu ilustrador. Além disso, caracterizou-se por um caráter por vezes ameno do espírito crítico, rechaçando as penas mais desabusadas e contundentes, de modo que o jornal, ainda que se rotulasse de crítico e jocoso, era sério também. O “Redator” da folha, muitas e muitas vezes representado nas páginas do semanário, com sua cartola e quase sempre acompanhado de seu auxiliar, um jovem negro, o “Piá”, na maioria das suas aparições, assumia os ares aconselhados pela decência, não dando granja ao moleque, a quem apenas permitia perguntas discretas. Séria e/ou humorística, *A Sentinela do Sul* abria espaço para um gênero que ganharia repercussão no Rio Grande do Sul do século XIX, mas, mantendo o caráter muitas vezes pouco longoeste tipo de publicação, já passava por dificuldades em agosto de 1868, vindo a desaparecer em janeiro do ano seguinte (FERREIRA, 1962 p. 17, 19 e 26-27).

A qualidade gráfica do periódico poderia ser observada desde o seu próprio cabeçalho, uma composição equilibrada e inteligente, levada a termo com segurança técnica e bom gosto real. A gravura do frontispício mostrava ao fundo uma vista panorâmica da cidade de Porto Alegre, destacando-se, no primeiro plano, à direita, a figura de um índio – símbolo americano e brasileiro – e, à esquerda, em referência à Guerra do Paraguai, um acampamento militar, a cuja frente aparecia um gaúcho a cavalo, em trajes típicos, os quais se tornariam tradicionais. Completava a alegoria, além de outros elementos decorativos, uma cartela, ao centro, em que se inscreve o lema “a sorte favorece os audazes”, escrito em latim e, ao alto, em letras de caprichoso

corde, o título da publicação (FERREIRA, 1962, p. 17). O conjunto era composto por dois querubins que, em suas trombetas, traziam os dísticos: “Sentinela do Sul – jornal ilustrado”.



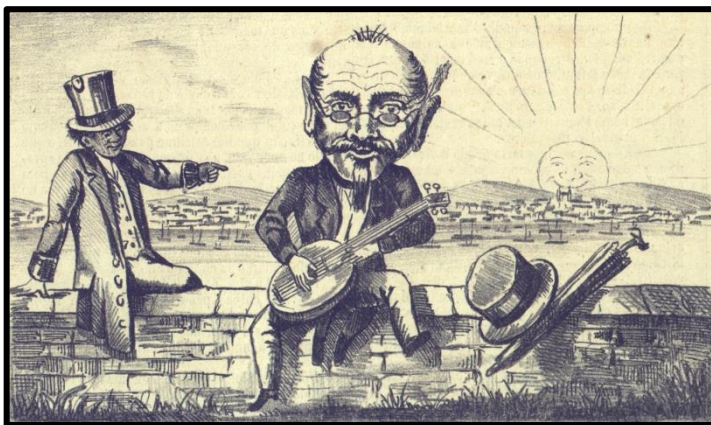
Em sua apresentação (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867. A. 1. N. 1. p. 2), o semanário, com ironia, lembrava que todos os jornais e todas as publicações periódicas tinham o costume de apresentarem ao público – definido como uma entidade que engolia as *araras* da imprensa e pagava as suas assinaturas – um programa, no qual minuciosamente detalhavam tudo quanto pretendiam, ou, na maioria das vezes, não pretendiam fazer naquela espinhosa carreira e no desempenho daquela árdua e honrosa missão, que seria um sacerdócio e conduziria a um martírio. Nesse sentido, a folha caricata dizia que não pecaria pela omissão de tal dever, e mesmo que não fosse dada a frases altissonantes, não iria deixar de seguir a regra geral. Usando um termo considerado obrigatório em matéria de programa, a folha afirmava que entrava na arena, armada de pena e de crayon, disposta a sustentar a luta contra o indiferentismo do público e a falta de assinaturas, os dois

principais inimigos que quase sempre perseguiram as empresas da sua ordem. O hebdomadário declarava estar disposto a maçar os seus leitores com oito páginas mistas de textos e gravuras, nas quais abrangeria, tanto quanto possível, as ocorrências da semana.

Buscando isentar-se da prática da pasquinagem, o periódico destacava que, apesar da crítica ser o seu elemento principal, a mesma seria manejada com discernimento, nunca passando das raiais da justiça e da honestidade, só ferindo a partir da razão e nos limites da decência, de modo que não viria a empregar a arma do ridículo contra o que fosse nobre, belo e grande. Já no seu programa, o semanário mostrava suas intenções de ter a Guerra do Paraguai como um de seus motes editoriais, enfatizando que as honras, as glórias e as alegrias da pátria achariam eco fiel na *Sentinela do Sul*, que se esforçaria para dar aos seus leitores não só os retratos e as biografias dos pró-homens da época e da situação guerreira, mas também vistas do teatro da guerra. Dizia ainda que a caricatura não poderia faltar, pois ela seria o sal ático da publicação, que em tom joco-sério diria muitas verdades, permanecendo fiel ao antigo princípio “*ridendo castigare mores*”. Dessa maneira, a folha adotava um espírito moralizador da sociedade, muitas vezes assumido pelos caricatos, garantindo que se esforçaria com desenhos e palavras para castigar o crime, a hipocrisia, a ignorância e a vilania no que tinha de mais caro, ou seja, o seu amor próprio.

O periódico expunha também que acreditava no favor público que o acompanharia na senda que se propunha a percorrer, tomando por norte a razão, a justiça e o patriotismo. Previa ainda que a sua execução artística seria sempre digna de entrar em comparação com a das edições ilustradas da corte, bem como a sua publicação e expedição seriam feitas com regularidade. Como a primeira folha

ilustrada que saía na província do Rio Grande, esperava contar com a proteção do público. Uma das marcas registradas da *Sentinela* era se manifestar por meio de seus dois personagens principais – o “Redator”, representando a figura do escritor público/jornalista, e o “Piá”, o negro que auxiliava aquele e com o qual mantinha recorrentes diálogos, publicados na sessão “Colóquio entre o Redator e o seu Piá”, uma das mais frequentes dentre as editadas pela folha.



Já em sua segunda edição (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 14 jul. 1867. A. 1. N. 2. p. 2), o hebdomadário destacava as repercussões que tivera sua distribuição junto ao público porto-alegrense, traduzida por meio da conversa entre aquelas duas figuras, as quais comentavam que o acolhimento fora ótimo, havendo barulho pela cidade diante da novel publicação. Na mesma oportunidade, o pioneiro caricato esclarecia que não queria saber de negócios de partido, os quais não davam camisa para ninguém, ainda mais que a meta de seus proprietários seria a de ganhar

dinheiro e não fazer vida política (ALVES, 2006, p. 49-88; ALVES, 2007, p. 245-254; e ALVES, 2016, p. 9-72).

Foram vários os temas debatidos nas páginas ilustradas da *Sentinela do Sul*, com destaque para os de natureza política, com especial atenção à Guerra do Paraguai. Mas não foi só político o teor do hebdomadário gaúcho, o qual realizou também várias incursões à crítica social e de costumes. Nesse sentido, como era característico da imprensa caricata, o periódico tanto abordou os assuntos sociais sob um espírito bem-humorado, como também atuando no papel de moralizador, apontando e censurando aquilo que considerava como mazelas da sociedade.

Nesse quadro, a presença do feminino foi recorrente na *Sentinela*. Em seus desenhos foram muitas essas inserções, aparecendo desde mulheres reais, identificadas com nome e sobrenome até representações femininas que, simbolicamente, englobavam o significado de alguma instituição ou elementos constitutivos da vida sociopolítica. Mas também foram reproduzidas mulheres que traziam consigo a essência do ser feminino, sem necessariamente uma identificação, mas carregando em si a perspectiva caricatural e a visão masculina expressas pelos redatores/desenhistas da folha.

As imagens das mulheres foram construídas, desconstruídas, reproduzidas e estereotipadas a partir de visões discrepantes e, por vezes, antagônicas entre si. Os responsáveis pelos jornais levaram ao público leitor várias facetas do feminino que traziam a lume alguns dos horizontes mentais à época reinantes. Nessa conjuntura, as divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração, que naquele final de século ainda se instituíam entre os gêneros, refletiam perspectivas corporais opostas e complementares, e de princípios de visão e de divisão, que levavam a

classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas de acordo com distinções redutíveis à oposição entre masculino e feminino (BOURDIEU, 2013, p. 45).

Na construção de tais identidades, as folhas caricatas destinaram especial atenção ao feminino, plasmando identidades antagônicas e multifacetadas para as mulheres. Nesse sentido, elas foram idealizadas como a melhor obra da criação do mundo e o anjo tutelar que guiava os caminhos do homem, desde que seguissem os ditames esperados para uma boa esposa. Por outro lado, muitos dos fatores que levavam ao desgaste do matrimônio foram atribuídos pelos caricatos às mulheres, que eram edificadas a partir de uma versão completamente díspar em relação àquela, sendo mostradas como um grande empecilho e um mal extraordinário colocado frente ao homem, sendo sua imagem transmutada para a de um ser maléfico que levava à destruição do casamento (ALVES, 2019, p. 20).

Nesse gênero jornalístico aparecia a perspectiva de refletir sobre os mecanismos da percepção das mulheres pelos homens, uma vez que a mulher não deixaria de existir sem a sua imagem. Nesse sentido, as mulheres tornavam-se símbolos, ou seja, eram musas das belas artes, ilustrações, personagens de romance e gravuras de moda, reflexo ou espelho do outro. Com base em tais imagens elas mudavam também a si próprias, pela consciência de que se tratava de uma armadilha, pois não existiria feminino sem a sua caricatura, ou seja, sem que fossem denunciados os seus excessos de expressão ou de comportamento. Ainda no que tange à imagem, tornavam-se também significativos os códigos e as representações iconográficas que apareciam igualmente interrogados sob o ângulo da diferença entre os sexos (FRAISSE & PERROT, 1994, v. 4, p. 13-14).

Assim prevaleceu em tais hebdomadários a visão dicotômica em relação ao feminino, fixando-se estereótipos

e atitudes em relação à mulher, os quais refletiam as normas sociais conscientes e as fantasias predominantes de uma cultura. De acordo com tal perspectiva se poderia compreender a dicotomização da personagem mulher, em um quadro pelo qual, de um lado estava a mulher-deusa, em seus mais diversos desdobramentos, em geral encarnadas nas figuras da mãe e da esposa, e, de outro, estava a mulher-demônio, a encarnação do sexo e da paixão por excelência e, portanto, a origem dos males que afligiam o corpo dos homens e assolavam seus espíritos. Nesse contexto em que era idolatrada ou degradada, em seu papel natural ou erótico, a mulher, através de suas imagens estava pautada em uma lógica de composição que apontava para uma curiosa amálgama da mulher desejada e da mulher negada, as quais eram resultado de um processo complexo de simbolização, que traduzia a sublimação dos desejos e impulsos contraditórios que a mulher inspirava no homem e que a instalavam na posição de “outro” (SCHMIDT, 2017, p. 41-42).

Dessa maneira, em essência, as folhas caricatas ainda manifestavam certa preferência pela imagem da mulher associada às lides domésticas e à maternidade. Os comportamentos desviantes eram encarados com a censura moralizadora e/ou a crítica jocosa, de modo que nas páginas das folhas caricatas muitas vezes apareceu a versão dicotômica da mulher “boa” ou “má”, “celestial” ou “infernai”. Tais versões, que contrapunham o idealizado com a concretude do real, mostraram diversificadas facetas do feminino daquela época.

Dentre essas representações as mais constantes foram aquelas que julgaram/censuram comportamentos femininos, surgindo normalmente dois enfoques, ou seja, o anjo e o demônio, a mulher inocente, frágil, por oposição à mulher fatal e maléfica (BESSE, 2001, p. 25), com predileção

dos caricatos por esse último papel. Outra abordagem recorrente era a das relações de gênero, envolvendo as interações entre feminino e masculino, em um quadro pelo qual, quanto mais de perto os cônjuges se olhavam, mais singular cada um se tornava, surgindo os desgastes nas suas interações (ZELDIN, 2009, p. 145-146). Além disso, houve uma constante associação das mulheres a questões em torno da aparência e da moda, ainda mais por tratar-se de uma época na qual a moda se tornava cada vez mais feminina, ganhava complexidade e adquiria fascínio (RIELLO, 2013, p. 69). Desse modo, a caricatura trazia à tona elementos constitutivos dos alcances e limites das relações a dois, normalmente enquadrados a partir dos encantos do namoro às desilusões do casamento (ALVES, 2019, p. 25). Esses elementos constitutivos estiveram plenamente presentes nas páginas da *Sentinela do Sul*.

A recorrente vilania: os defeitos atribuídos ao feminino

As incursões ao feminino nas páginas da *Sentinela do Sul* no sentido de realizar julgamentos comportamentais tiveram uma predileção pelo enfoque negativo. Como era comum à caricatura de então, a preferência era pela imagem da mulher vinculada aos padrões tradicionais de submissão e de um olhar crítico e censório para as condutas divergentes. Nesse sentido, foram atribuídos vários qualificativos negativos e mesmo pejorativos ao feminino, chegando a haver a edificação de estereótipos em relação às mulheres, aproximando-as da figura de uma vilã, com amplo destaque às imperfeições a elas atribuídas.

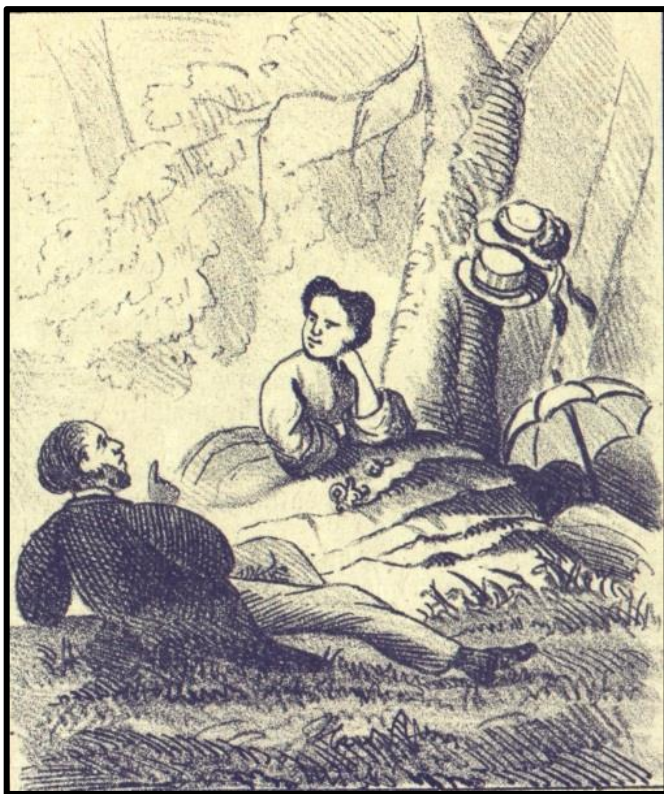
Uma dessas circunstâncias do feminino verdadeiramente azucrinando o masculino ocorreu em desenho no qual uma mulher demonstrava verdadeiro frenesi e entusiasmo ao dedilhar seu piano e cantarolar. A cena era complementada pela figura da mucama, a negra escrava doméstica que adentrava o ambiente e relatava que aquela ação da senhora estava a provocar consequências negativas entre os passantes à rua. O tom humorado associado à crítica de costumes vinha na fala da “preta”, ao afirmar que havia um homem reclamando da barulheira, a qual não era aguentada nem mesmo pelo ouvido canino. Dizia a mucama: “Sinhazinha, ali em baixo na rua tem um homem, que pede para parar um bocadinho com a sua cantiga, porque o cachorro dele não quer passar” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 14 jul. 1867. A. 1. N. 2. p. 8).



O tema da associação entre o feminino e os excessos de barulho foi abordado em outra caricatura, na qual uma senhora questionava o criado quanto aos latidos de um cão coincidentes com as práticas artísticas de sua filha. A conversa revelava que não era bem o animal que não suportava os ruídos. Nessa linha, enquanto a senhora perguntava: “Mas José, que é isto? Logo que minha filha principia a tocar piano, o cachorro começa a uivar?...”; ao que o rapaz respondia: “Isto é meu costume; quando a Sra. moça toca, belisco o cachorro para não ouvir o tal barulho” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 dez. 1867. A. 1. N. 23. p. 5).



Outra característica recorrentemente atribuída ao feminino era a perfídia. A imagem da mulher traidora aparecia em uma cena bucólica mostrando a conversa de um casal. O homem, revelando um comportamento usual da época, vinculado a um suposto direito de lavar a sua honra com sangue, ameaçava com veemência a esposa, dizendo-lhe que, já na primeira infidelidade, tirar-lhe-ia a vida. Ao contrário da submissão esperada, a ameaçada respondia com uma tirada curta e carregada de jocosidade. O diálogo era: “Ele – A primeira vez que Vmce. me der motivos para ter ciúme, dou-lhe um tiro no ouvido. Ela – E o que faz a segunda vez?” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 28 jul. 1867. A. 1. N. 4. p. 8).



A traição feminina voltava à baila na *Sentinela* em outra caricatura que mostrava conversa entre marido e esposa, na qual ela apresentava o filho recém-nascido a ele. O diálogo entre o casal revelava a desconfiança do homem quanto à paternidade da criança. Assim, enquanto a mulher dizia: “Vê só que negrinho mais engraçado, meu marido”; o esposo respondia: “Se ele é negrinho, o que serei eu?” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 29 dez. 1867. A. 1. N. 26. p. 5).



O hebdomadário mostrou também uma esposa irascível no tratamento de seu marido. Nenhum dos dois aparecia na cena, na qual se fazia presente apenas um homem que subia as escadas e era atingido em cheio por um balde de água, lançado do alto. No diálogo, enquanto o indivíduo molhado reclamava, a mulher desculpava-se, revelando as dificuldades na relação com seu consorte: “Ele - Que diabo é isto?!! Ela - Queira desculpar, pensei que era

o meu marido que vinha subindo a escada” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 4 ago. 1867. A. 1. N. 5. p. 8).



Uma mulher insatisfeita com as relações matrimoniais aparecia em outra caricatura, que mostrava um casal a despedir-se na sala de casa. Aparentemente, parecia um ambiente de tranquilidade, entretanto a conversa entre ambos não seguia esse tom. Enquanto o marido se referia ao tempo que ficaria fora, desejando que a mulher não ficasse saudosa, ela dava uma resposta carregada de descontentamento, preferindo exatamente ver o consorte pelas costas. A legenda era: “Marido – Adeus,

minha mulher; hei de demorar-me uns 20 dias; não morras de saudades minhas... Mulher – Vai descansado; quanto maior a demora, tanto melhor” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 29 set. 1867. A. 1. N. 13. p. 5).



O ambiente doméstico era mais uma vez o palco para uma rusga matrimonial. Na cena o homem à mesa reclamava do fato de seu chá estar frio, ao passo que a esposa, dava uma resposta carregada de vilania. Dizia o marido: “É melhor que mandes fazer o chá pela criada, porque hoje outra vez a água não ferveu. E respondia a mulher: “Desta vez estás enganado, meu amigo; esta manhã, vi com os meus próprios olhos que a água ferveu, e por isto guardei-a de propósito para o teu chá à noite” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 17 nov. 1867. A. 1. N. 20. p. 8).



Outro diálogo se dava entre dois homens e, ainda que não aparecesse a figura feminina, ela era o alvo da conversa. Enquanto um questionava ao outro como consideraria o caso da sua esposa casar-se novamente, caso ficasse viúva, o outro respondia que não haveria problema algum, pois só assim alguém lamentaria a sua morte. A crítica à esposa se dava em duas direções, primeiro que ela seria insensível à morte do marido e depois, ironicamente, apontava que o novo marido iria arrepender-se do consórcio com a viúva. Nessa linha, o primeiro perguntava: “- Meu amigo, se tu morreres desejarias que tua mulher se casasse outra vez?”.

Ao que o segundo comentava: “Porque não? Estou certo que ao menos meu sucessor há de lastimar minha morte com sinceridade” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 12 jan. 1868. A. 2. N. 28. p. 5).



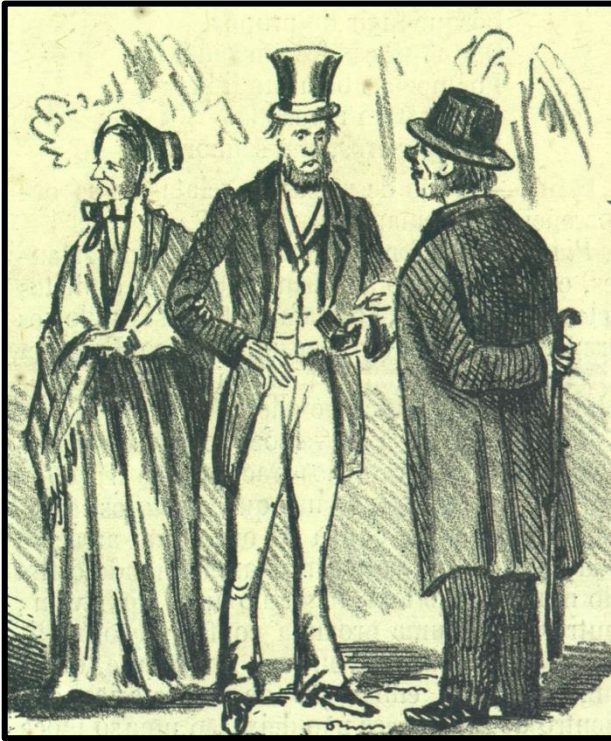
Os desacertos domésticos voltavam às páginas da *Sentinela do Sul*, ao mostrar um casal que se desentendia ao ponto de chegar às vias de fato. Nessa luta corporal eles eram surpreendidos por um visitante que chegava à porta. A disputa pelo poder entre ambos no âmbito daquele lar ficava ainda mais evidenciada na conversa travada com o

indivíduo à entrada da residência. Ao passo que o “estranho” saudava-os e perguntava: “Bons dias! queiram desculpar, quem é aqui o dono da casa?”, o casal respondia em uníssono: “Isto ainda não estão decidido” (A SENTINELA DO SUL, Porto Alegre, 19 jan. 1868. A. 2. N. 29. p. 8).



As apreciações negativas quanto à esposa de alguém eram também realizadas por outrem, como no caso do desenho em que um casal encontrava-se com outro homem, o qual se congratulava com o marido exatamente pelo motivo daquela não ser a sua esposa. No diálogo, o primeiro

indivíduo afirmava: “Toda a vez que enxergo o Sr. acompanhado da sua senhora, sinto-me dominado de grande alegria...”; ao que o marido questionava: “Como assim?”. A resposta era carregada de atrevimento e apreciação negativa quanto à mulher: “É boa; lembrando-me que ela não é *minha* mulher” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 26 jan. 1868. A. 2. N. 30. p. 4).



Em outra conversa entre marido e mulher ficava mais uma vez evidenciado o mútuo descontentamento quanto à vida a dois. A mulher mostrava-se entristecida quanto às reclamações do marido, ao passo que ele

respondia com rancor e arraigada ironia. Enquanto ela dizia: "O Sr. não se incomode mais; já vejo que essa raiz velha não sairá..."; ele retrucava: "É verdade, minha senhora; coisa ruim não pode sair de sua boca" (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 16 fev. 1868. A. 2. N. 33. p. 4).



As escolhas para o casamento também serviam de pretexto para desqualificar as mulheres. Foi o caso de uma cena em que a figura feminina aparecia em primeiro plano, mas de forma passiva, pois a ação se dava a partir do diálogo entre dois indivíduos, ao fundo. A conversa, carregada de ironia e de crítica de costumes, girava em torno da escolha

de uma comediante para esposa, trazendo um olhar crítico para com a sociedade e as mulheres em geral. Enquanto um fazia um pergunta simples: “Como é que o Sr. se resolveu a desposar uma cômica?”; o outro replicava com frase cheia de duplo sentido: “Ora, muito bem: todas as senhoras da alta sociedade têm seu tanto quanto de cômicas, e assim, para não dar lugar à dúvidas, resolvi a questão a priori” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 mar. 1868. A. 2. N. 36. p. 4).

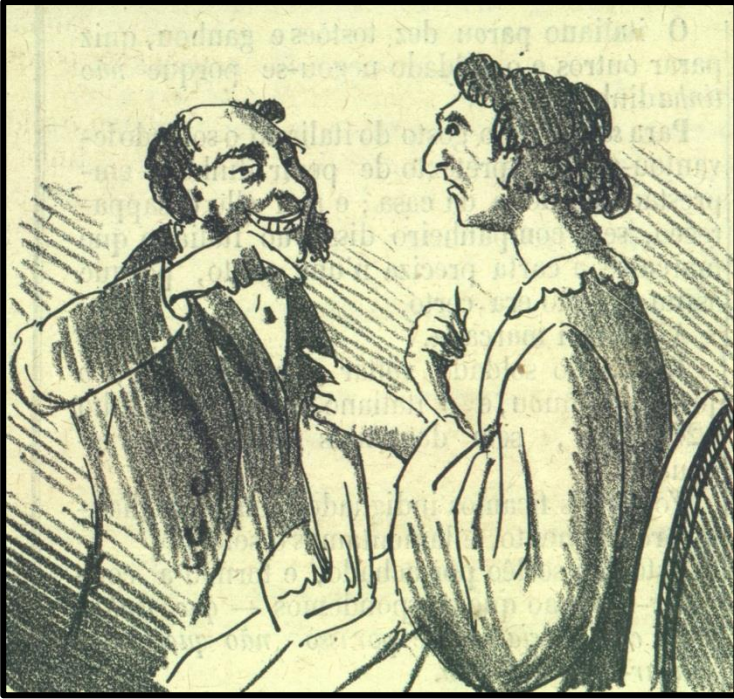


Uma cena bucólica servia de ambiente para mostrar os desacertos de um casal. A mulher aparecia procurando avidamente pelo consorte, em busca de carinhos, perante o

que o marido, dissimulado, fingia tratar-se apenas de um esquecimento. No diálogo, ela dizia: “Tu, homenzinho mau! Encontrei-te finalmente! Chamei-te e procurei-te em todo o jardim! Deves-me ainda o meu beijo da manhã!!”; ao que ele respondia laconicamente: “Oh! bondoso céu! Eu sou tão esquecido...” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 mar. 1868. A. 2. N. 37. p. 5).



As claudicações entre os cônjuges, movidas por supostos defeitos femininos voltavam a visitar as páginas da *Sentinela* no desenho que mostrava um marido irritado com a demora do empregado, mas acabava por descobrir que a causadora da espera era exatamente a sua esposa. A conversa era travada entre ele: “Não, isto é escandaloso; mandei o criado há mais de meia hora buscar uma corda, e sabe o diabo onde ele está”; ao que ela se limitava a responder: “Eu sei onde ele está: mandei-o ao sapateiro” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 mar. 1868. A. 2. N. 37. p. 8).



O ciúme do marido em relação às vestimentas da sua esposa, era associado a outra queixa no que tange à consorte, a qual seria inclusive incompreensiva em relação a um defeito físico. Era esse o tema da caricatura na qual, diante da impassibilidade da esposa, o marido falava: “Como, minha mulher, me perguntas por que razão não gosto de te ver assim decotada?... E que dirias tu, se eu usasse de calção?...” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 mar. 1868. A. 2. N. 38. p. 4).



A ignorância foi outro desqualificativo atribuído às mulheres. Foi o caso do desenho em que um homem fazia um largo elogio a uma jovem moça, destacando sua beleza e graciosidade, as quais seriam comparáveis aquelas da musa da dança. Em contrapartida, a mulher, revelando desconhecimento quanto a temas mitológicos, mostrava-se contrariada e mesmo ofendida. Assim, enquanto o homem elogiava: “A senhora é tão linda, que parece ter-lhe

emprestado todas as graças, Terpsícore...”; ela retrucava: “Está enganado, tudo quanto tenho é meu, não uso de coisas emprestadas” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 3 maio 1868. A. 2. N. 44. p. 4).



O tema de mulheres pouco afeitas às luzes do saber era também apresentado em caricatura prenhe em ironia e maledicência quanto ao feminino. A cena mostrava uma moça languidamente dormitando em um sofá, enquanto um livro permanecia na sua mão. A frase que acompanhava o desenho buscava demonstrar o desinteresse feminino pela leitura: “Não há nada mais agradável do que se deitar no sofá e pegar no sono com um livro bem interessante na mão”

(A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 17 maio 1868. A. 2.
N. 46. p. 8).



Essa suposta falta de luzes atribuída às mulheres voltava à abordagem da folha caricata, ao mostrar cena bucólica em que duas damas admiravam as ovelhas, vindo uma delas a conversar com o pastor que oferecia-lhe um dos animais. A falta de conhecimento era a tônica do chiste, uma vez que uma das mulheres afirmava: “Que bonita ovelhinha!”; e o pastor sugeria: “A senhora deve comprá-la”. A última fala equivalia à pérola da falta de sabedoria, demarcada pela inspiração jocosa: “Tenho vontade; que dizes Luizinha, será lã pura ou lã com algodão?” (A

SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 10 maio 1868. A. 2. N. 45. p. 8).



A sugestão de uma mulher alcoviteira ou mesmo pérfida se manifestava em caricatura da *Sentinela* na qual duas mulheres conversavam, uma na janela de casa e a outra à rua. A primeira perguntava: “Para onde se retira com tanta pressa?” e a segunda respondia: “Não diga nada: vou mudar de residência, porque estando doente, há dias, mandei chamar o doutor, e agora ele não deixa de vir mais” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 10 maio 1868. A. 2. N. 45. p. 8).

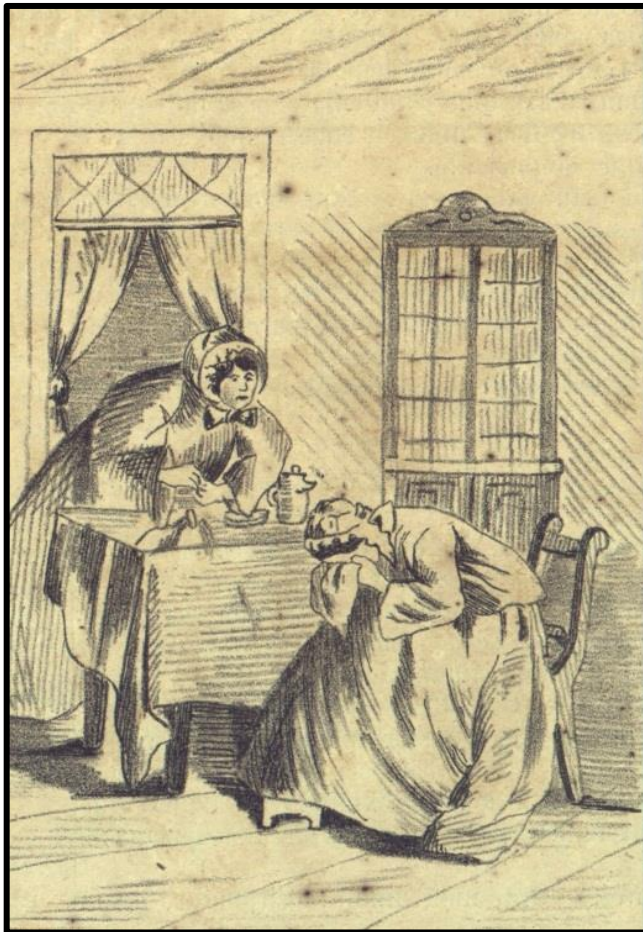


Outra atribuição negativa imputada à mulher estava ligada à impaciência. Isso era retratado em cena na qual a esposa servia a refeição ao marido e, ao fim da mesma, perguntava laconicamente: “Você quer o café já, ou só depois de estar pronto?” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jun. 1868. A. 2. N. 49. p. 4).



A visão pejorativa em relação ao feminino não era mostrada apenas quanto às relações conjugais, mas também no que tange às filiais. Foi o caso de duas moças que conversavam à mesa, e uma delas mostrava-se em desesperado pranto. A razão do choro revelava um caráter egoísta e interesseiro, pois ela estaria cheia de contrariedade pelo fato de seu pai voltar a casar-se, prejudicando seus interesses quanto à herança. Nesse sentido, a moça em pé declarava: “Meu Deus, a Sra. está toda desfeita em

lágrimas...”, ao que a outra respondia amargurada: “E tenho razão para isso: o meu velho pai, de quem pensava herdar grossa fortuna, torna a casar-se, roubando-me assim sua herança.” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 14 jun. 1868. A. 2. N. 50. p. 8).



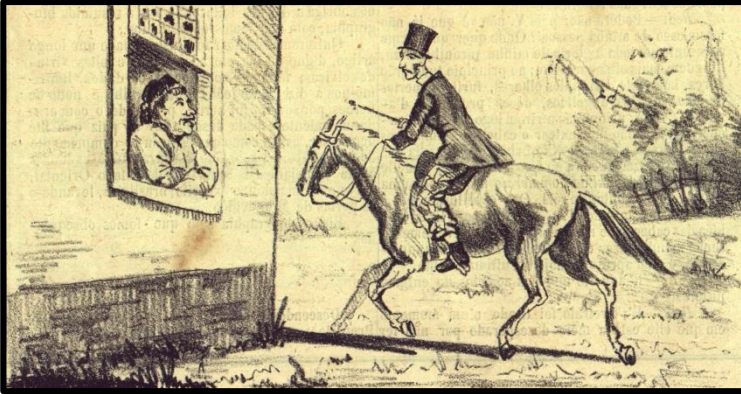
Finalmente, uma mulher intratável aparecia em caricatura na qual uma figura feminina, sentada em um banco na rua, destratava um passante que tentava ser agradável e/ou cortejá-la. Ao passo que ele avisava: “Minha senhora, atrás de V. Ex. está um abominável bicho”; ela dizia incisiva: “Meu Deus, eu nem tinha visto a V. S.” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 21 jun. 1868. A. 2. N. 51. p. 5). Estabelecia-se assim um conjunto de defeitos atribuídos ao feminino a partir da produção textual e iconográfica da *Sentinela do Sul*, criando um arquétipo de vilania em torno das mulheres.



Encontros e desencontros nas relações a dois

Aproximações, flertes, namoros e casamentos foram temas recorrentes às edições da *Sentinela do Sul*. Tais situações serviam de mote tanto para exercer a crítica social e de costumes e mesmo o papel moralizador, como para exercer a comicidade a partir dos encontros e desencontros inerentes a essas relações. Muitas vezes, aos idílios dos enamorados, seguiam-se os desacertos do casamento, revelando as dificuldades da vida a dois. Matrimônios por interesse e as diferenças de idade entre os consortes eram outras recorrências nas abordagens do semanário acerca do tema. Apesar das respectivas atrações entre os sexos opostos, a folha caricata não deixava de demonstrar uma certa tensão que permanecia latente nas inter-relações entre homens e mulheres.

O encontro entre os dois gêneros como motivação para a jocosidade aparecia em cena na qual um homem passava a cavalo por uma mulher que se encontrava à janela. A conversa revelava um tom de humor e possibilidade de flerte, pois, enquanto ele perguntava: “Porque é que você sempre ri quando passo a cavalo?”; ela respondia: “É que Vmce. sempre passa no momento em que estou me rindo” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 10 set. 1867. A. 1. N. 10. p. 4).



Um certo desinteresse entre os hábitos de cada uma das partes já à época do namoro ficava revelado em desenho intitulado “Crime e castigo”, o qual trazia duas cenas da corte do rapaz para com a moça. No primeiro cenário, enquanto ela demonstrava grande esforço para apresentar seus dotes quanto à música, cantando e tocando o piano, ele mostrava-se completamente indiferente, chegando mesmo a cochilar. No outro, mudavam-se os papéis, pois, enquanto ele se mostrava plenamente ativo para cortejar a moça, buscando beijá-la avidamente, ela aparecia prostrada e lânguida, como se estivesse a dormir, alheia às investidas do rapaz. A legenda trazia os pensamentos da moça durante os dois momentos. Em um deles ela mostrava-se colérica pela falta de atenção dele e já começava maquirar um plano para a doce vingança. No segundo, ela colocava em prática o intento vingativo, buscando apresentar-se completamente abstraída de interesse para com o parceiro. O texto era: “É horrível. Primeiramente me pede e me suplica que toque alguma coisa para ele ouvir, e agora pegou no sono! Mas deixa estar que me hás de pagar bem pago! / Agora não me acordo, nem que ele me dê beijos a matar” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 set. 1867. A. 1. N. 11. p. 4).

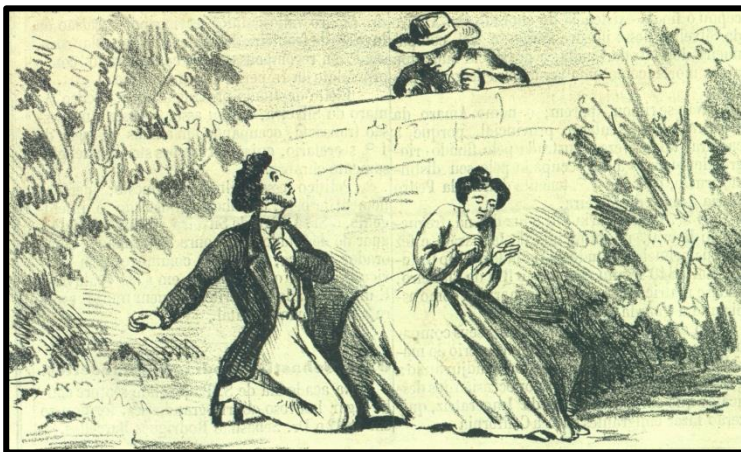


Uma cena cheia de graça a partir de um possível desencontro amoroso mostrava um homem caído ao pé de uma escada, estatelado após um tombo, enquanto, ao alto da escadaria, uma moça lamentava o ocorrido e perguntava acerca das consequências. A conversa travada entre ambos revelava apenas cordialidade e afabilidade diante do ocorrido, pois ela exclamava e perguntava: “Meu Deus, o Sr. se fez mal?”; e ele respondia: “Não senhora, antes pelo contrário”. Mas era o título da caricatura que fazia a diferença para o tino humorístico do quadro. O desenho denominava-se “Suprassumo da polidez”, demonstrando dois sentidos, um deles vinculado à forma educada pela qual ambos trataram-se, apesar do caráter inusitado do ocorrido, o outro, a um possível polimento dos degraus, a partir do enceramento feito pela moça, que seria o verdadeiro motivo do acidente (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 20 out. 1867. A. 1. N. 16. p. 4).

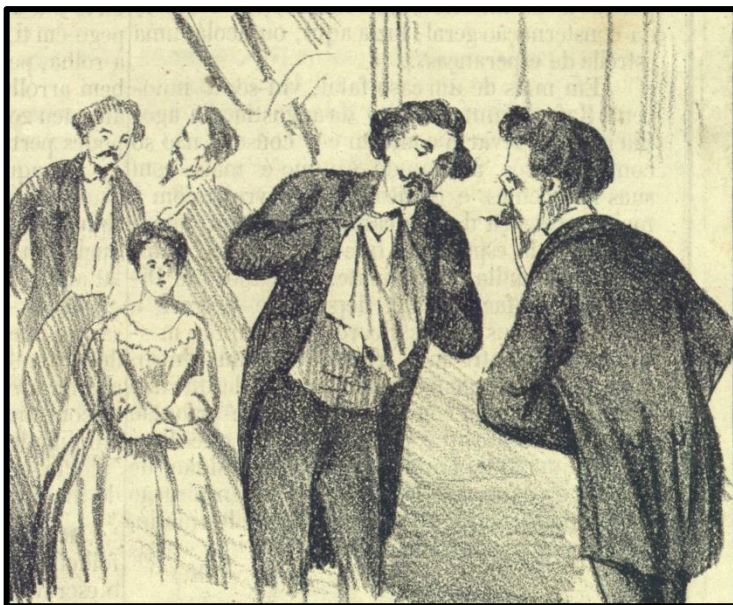


Um namoro realizado às escondidas, efetivado atrás de um muro, fugindo aos padrões morais e aos bons costumes então propalados foi também apresentado pela *Sentinela*. O casal acabava sendo surpreendido por outro homem que aparecia por sobre o muro. A motivação do indivíduo para aparecer em cena era a mais frugal possível, simplesmente perguntando: “Com licença, Sr., que horas são?”, mas o inusitado ficava demarcado nas feições do

casal, com ambos mostrando-se embaraçados e desconfortáveis com a situação (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 27 out. 1867. A. 1. N. 17. p. 4).



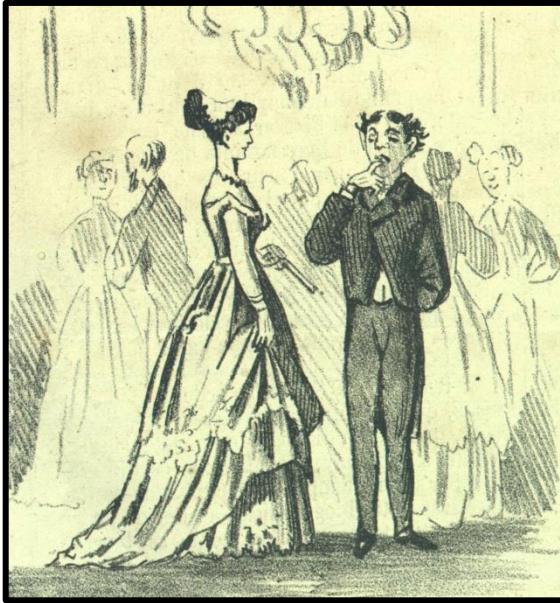
O insucesso amoroso era o tema de caricatura na qual dois indivíduos conversavam em uma festa a respeito da investida de um deles em relação a uma moça que se mostrava impassível diante de um constante cortejar dos rapazes em sua volta. O dom-joão fracassado mostrava-se embaraçado diante da negativa, aliviando suas mágoas no uso de um lenço. Mas a legenda na forma de diálogo revelava o verdadeiro papel do lenço, ou seja, a grande frieza da moça na recepção ao galanteio do rapaz, fora tão grande que chegara a provocar-lhe um problema respiratório. Nessa linha, enquanto o interlocutor perguntava: “Tiveste a dita de conversar com a senhora F.?”; o malsucedido conquistador respondia: “Sim, mas ela estava tão fria, que ganhei um defluxo” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 17 nov. 1867. A. 1. N. 20. p. 5).



A aproximação entre enamorados era mais uma vez tema de desenho da *Sentinela*, mostrando um rapaz em todo o esforço verbal da sedução, mas esbarrando em uma certa resistência da moça provocada por uma decepção anterior. Ele trazia consigo toda a postura do conquistador, com um lenço em uma das mãos, oferecendo-o à amada para aplacar suas dúvidas, enquanto com a outra segurava as mãos da moça que se encontravam em descanso sobre o colo, buscando demonstrar certo desinteresse. O cenário bucólico, rascunhado ao fundo, complementava o clima sentimental. Diante disso, ele garantia: “Eternamente ama-la-ei, confie Vmce. Em meus juramentos...”; mas ela retorquia: “O mesmo jurou o Augusto e não obstante me deixou” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 dez. 1867. A. 1. N. 24. p. 5).



Outra abordagem malsucedida foi retratada pela folha caricata, trazendo os embaraços de um rapaz que buscava demonstrar rasgos de inteligência para a pretendida. O ambiente era uma festa e o conquistador tinha suas pretensões malogradas diante da sagacidade da moça que quebrava qualquer pertinácia da parte dele. Como ela, cheia de ironia, colocasse em dúvida os dons intelectuais do rapaz, ele aparecia na gravura em um misto de afetação e basbaquice. A legenda na forma de diálogo, trazia a fala dele: “Minha senhora, os pensamentos vêm como o raio”, ao que ela rebatia impávida: “Então é provável que ainda não caísse raio no senhor” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 2 fev. 1868. A. 2. N. 31. p. 8).



As candidaturas ao namoro, como primeira etapa em relação ao casório foram abordadas pela *Sentinela do Sul* em conjuntos de caricaturas publicadas em duas séries, sob o título “Como se formam os casamentos” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 10 maio 1868. A. 2. N. 45. p. 5; A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 17 maio 1868. A. 2. N. 46. p. 5). O foco era o de apresentar alguns tipos de rapazes e seu comportamento em direção ao matrimônio. O primeiro deles era o “moço sentimental”, que se mostrava amplamente romântico ao cortejar a donzela, oferecendo-lhe flores. O diálogo entre eles era breve, pois enquanto ele dizia apenas: “Meu anjo!...”, e ela respondia: “O Sr. fale com meu pai”



O outro rapaz casadouro era apresentado como o “moço decidido”, o qual se encontrava diante de uma exposição de fotografias com diversas moças e mostrava-se resoluto em sua escolha, ao apontar para uma delas e afirmar “Esta! ou nenhuma!”. O semanário intentava demonstrar certa ingenuidade naquele tipo de comportamento, uma vez que não levava em conta os interesses da pretendida.



Ainda aparecia outro modelo de núbil, identificado como “o moço cômico do seu valor”. Era uma alusão ao casamento de interesses, ainda em voga naquele momento. O rapaz era representado como um janota, com comportamento pernóstico e arrogante, pois, uma vez sendo rico, poderia escolher a pretendente que bem quisesse. Sua aparência e trejeito eram complementados pela frase que proferia: “Sou filho do banqueiro F. e peço a mão da Sra.”. Ao fundo do desenho, permanecia o teor crítico do jornal, ao mostrar a possível noiva assustada, ao passo que o pai e a mãe da mesma estavam esfuziantes diante da possibilidade de obter uma boa colocação social para a filha a partir do casamento.

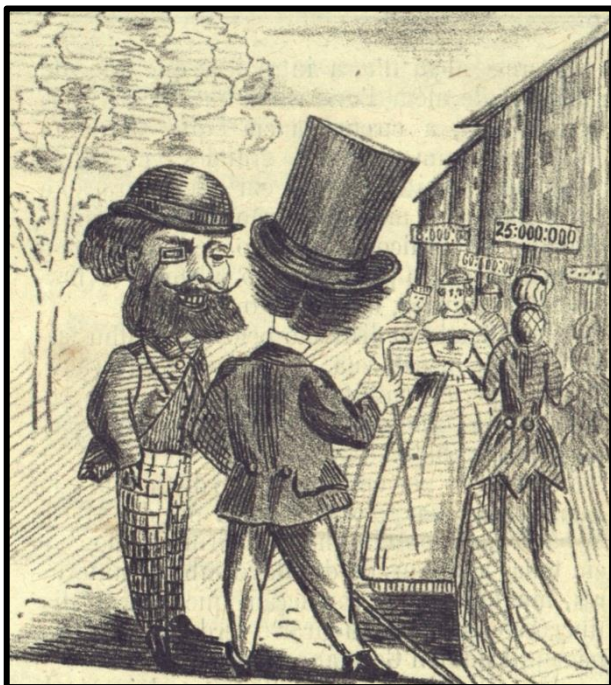


Também na primeira série de desenhos aparecia o noivo “diletante”, ou seja, o amador de uma arte ou da literatura. Esse se encontrava ao lado de seu par, à beira do piano, aproveitando a música e cantando em dupla com ela, como mostrava a partitura de um “dueto” que carregava às mãos. O encontro era ambientando em um baile, e ele parecia pretender estender seu amor pelo apelo artístico das musas ao convívio com a pretendida, ao propor casamento a ela, mantendo a mesma toada do conjunto de seu comportamento e dizendo: “Prolonguemos o nosso duo, por toda a vida”.



O rapaz que inaugurava a segunda série de tipos de nubentes era identificado por um epíteto desabonador. Era o “pelintra”, quer seja, o pobre ou mal-arranjado que tinha pretensões de fazer boa figura, ou ainda aquele que não sentia vergonha ou constrangimento por atos condenáveis ou censuráveis. O tema fruto daquela crítica de costumes era mais uma vez o casamento por interesse, dessa vez de parte do homem que almejava uma consorte portadora de polpudo dote. Tal “pelintra” se encontrava conversando com outro homem e, cheio de soberba, dizia: “Eu sei exatamente qual o dote que tem cada uma dessas moças”. As figuras femininas apareciam estáticas e passivas, tal e qual bonecas, expostas em uma vitrine, cada uma delas

ostentando o valor de seu dote em tabuletas acima de suas cabeças.

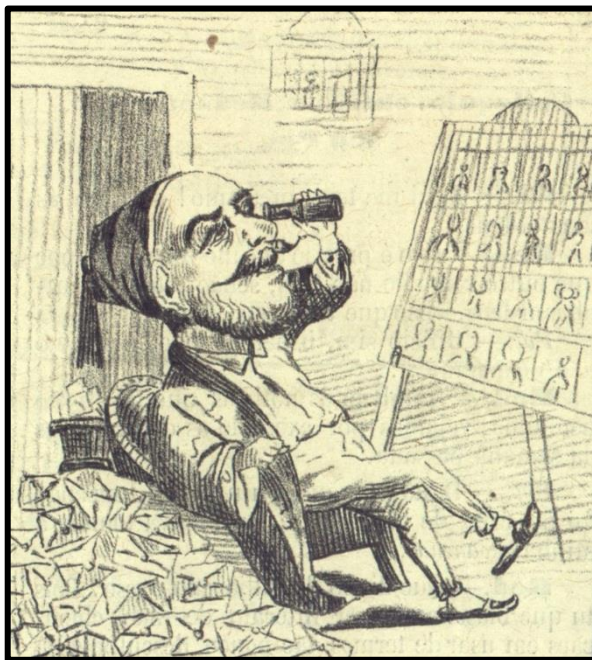


Nas páginas da *Sentinela* aparecia ainda outro rapaz casadoiro, era o ingênuo que, bem vestido e buscando demonstrar humildade, chegava em uma casa para perguntar: “Não se aluga um quarto nesta casa?”. O proprietário da residência na qual o jovem buscava acolhida se mostrava entusiasmado, chegando a esfregar as mãos, pensando em encontrar casamento para as suas tantas filhas em idade de adquirir núpcias que também compunham a cena.



Outro possível noivo apontado naquela concepção humorística da publicação caricata parecia mais experiente e era definido como o “comodista”. Ele se mostrava esperto e folgazão no que se refere ao estratagema utilizado para encontrar uma pretendente, ao publicar um anúncio junto à imprensa e, tranquilamente, aguardando os resultados. O homem apresentava-se confortavelmente sentado, apoiado em uma pilha de cartas que recebera a partir da nota publicitária e, com as chinelas soltas aos pés, sem muito esforço, poderia escolher sua noiva, utilizando-se de uma pequena luneta que se direcionava aos retratos das moças. Diante do quadro, ele proferia a frase: “Não há como

escolher-se assim. Um só anúncio no Jornal do Comércio e já estou com 50 retratos em casa”.



O último núbil apresentado pelo semanário sul-rio-grandense era o corajoso. Em tom chistoso e carregado de ironia, o periódico mostrava um homem que, cheio de uma pretensa coragem, lançava-se a enfrentar uma cabra que parecia desembestar contra uma moça. Ela se apresentava efetivamente assustada, enquanto ele, para valorizar seu ato supostamente heroico, cerrava os dentes, enquanto segurava o animal pelo rabo e ameaçava-o com sua bengala. Mantendo o tom galhofeiro, o jornal atribuía ao homem a frase: “Não se assuste, minha senhora, eu a salvarei das garras sanguinárias desta besta feroz”.



Uma cena típica da época, com um casal namorando em praça pública, bem em meio ao burburinho do tradicional footing dominical, com grande número de pessoas espalhando-se pelas ruas e pelo coreto, servia para ambientar mais uma pilhéria utilizando o tema dos enamorados. A mãe da moça, como era comum então, acompanhava o casal para evitar qualquer liberalidade que ferisse os padrões morais em voga. A graça ficava no fato do azarado rapaz, em busca de alguma aproximação ou carícia com a pretendida, ao invés de pegar na dela estendida para trás, acabava por acariciar a mão de sua futura sogra. Sem necessidade de legenda, o desenho era identificado apenas pelo título carregado de sentido - “Engano funesto” (A

SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jun. 1868. A. 2. N. 49.
p. 4).



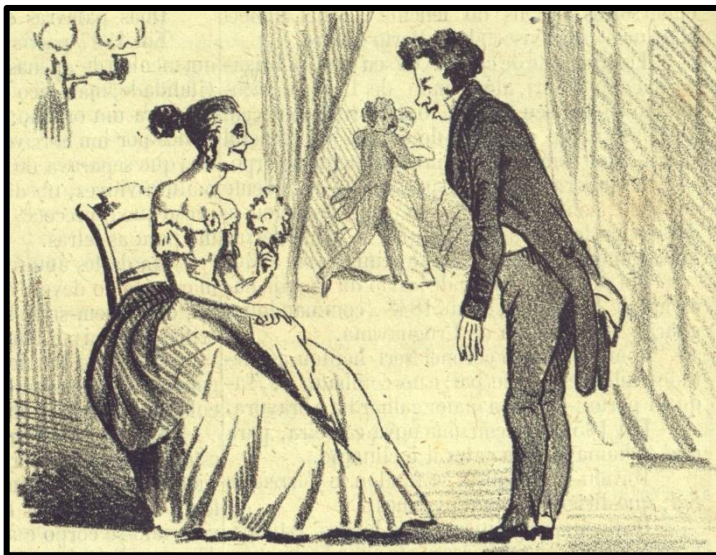
Um outro casal enamorado estampava as páginas da *Sentinela do Sul*, cheio de proximidade, trocando carícias e palavras de amor. Mas o clima romântico de certo modo era interrompido por uma certa objetividade do amante. No diálogo, ele dizia: “A senhora é realmente o meu segundo

amor...”; ao que ela estranhava: “O segundo?!”; enquanto ele concluía: “Sim, senhora; porque sabendo que o primeiro quase nunca produz bom resultado, comecei logo pelo segundo!” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 28 jun. 1868. A. 2. N. 52. p. 8).



Um dos tópicos que mais despertava o olhar crítico e moralizador do jornal caricato no que tange às relações a dois era a diferença de idade entre os integrantes do casal. Tal crítica aparecia ainda à época do namoro, como foi o caso do desenho no qual um jovem cortejava uma mulher bem mais velha, esclarecendo que o fazia por indicação da sua mãe, em clara alusão aos matrimônios movidos por

interesses financeiros. Assim, em meio ao baile, o rapaz dizia à possível pretendente: “Minha mãe manda dizer a V. Ex. que eu sou um bom rapaz, e que tire V. Ex. para dançar” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 6 out. 1867. A. 1. N. 14. p. 5).



Por outro lado, aparecia também um homem bastante idoso que pretendia a mão de uma mulher bem mais jovem. O tom engraçado se dava no conteúdo da expressão utilizada pelo indivíduo para obter seu intento, o qual se mostrava carregado de realismo, ao confessar, por meio de um jogo de palavras, que estava ciente, pela lógica, de sua curta existência. Nessa linha, o “velho” dizia: “Minha Sra., quer me fazer a honra de se tornar a minha viúva?” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 20 out. 1867. A. 1. N. 16. p. 4).



Tal perspectiva realista também foi o mote de outra caricatura na qual um interlocutor conversava com um casal de pessoas em idade mais provecta que, mesmo assim, haviam se casado recentemente. Diante da dúvida do conhecido quanto às motivações deles, ao afirmar “Oh lá, amigo velho; casastes ainda no último quartel da vida?”; o marido respondia cheio de objetividade: “É coisa muito simples; minha mulher não achava marido e eu não achava mulher; à vista disto contraímos os laços do matrimônio” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 11 ago. 1867. A. 1. N. 6. p. 8).



Uma diferença de idade ainda mais ampla foi também motivo de chiste do periódico ilustrado ao mostrar um mal-entendido ocorrido em uma loja, na qual o vendedor vendia vestidos de noiva, vindo a confundir o próprio nubente com o avô da moça. Nesse ambiente, o “caixeiro” afirmava: “São estes os vestidos mais modernos para casamento; este por exemplo é muito elegante. A Sra. deve pedir ao Sr. seu avô que lhe compre este vestido.” Indignado, o homem retorquia: “Esta senhora é minha noiva...”; ao que o vendedor tinha de emendar: “Ah... é sua noiva?... Peço perdão... Queira V. S. aceitar os meus parabéns.” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 18 ago. 1867. A. 1. N. 7. p. 8).



Em outra criação caricata, os papéis invertiam-se novamente, com a confusão do visitante em relação a um jovem, apontado como filho da senhora dona da casa, ao passo que, na verdade, era o seu cônjuge. Na cena, a senhora fazia as honras da casa: “Tenho a honra de apresentar a V. S. o meu Adolfo...”. Diante da juventude do rapaz, o visitante perguntava sem titubear: “É o Sr. seu filho mais velho?”. A matrona, carregada de indignação, limitava-se a corrigir: “Não Sr., é o meu marido” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 1º set. 1867. A. 1. N. 9. p. 5).



Ainda acerca da temática da diferença de idade entre os cônjuges, a *Sentinela* mostrava um senhor abraçado em uma jovem muitíssimo mais jovem. Ele conversava com um amigo, dizendo as razões da escolha de alguém em tamanha juventude. Nesse quadro, o interlocutor chegava a perguntar: “Como é que Vc. teve coragem de casar-se em sua idade com uma menina de 16 anos?”. Diante da questão, o idoso, sem nenhum embaraço, argumentava: “Considero o casamento um verdadeiro suicídio e já que me quis suicidar, preferi um punhal novo e luzente a um caxerenguengue velho e enferrujado” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 19 abr. 1868. A. 2. N. 42. p. 5).



O casamento visto como única alternativa de vida para a mulher também foi retratado nas páginas do *hebdomadário caricato*. A alusão era à mulher que acabava por não casar e terminava ficando *para tia*, como se convencionou denominar a partir de expressão utilizada em larga escala na época. A cena mostrava uma menininha conversando com uma velha senhora, sentada em um banco de praça. Era a curiosidade da pergunta da menina a chave para a apreciação em torno da impossibilidade do casamento para aquela mulher que, já idosa, teria perdido a oportunidade do casório. Nesse sentido, a menina

questionava: “Oh, titia porque não se casou Vmce.?” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 17 nov. 1867. A. 1. N. 20. p. 8).



Em sentido próximo, a associação entre o passar da idade e a diminuição da beleza entre as mulheres era também abordada pelo semanário, ao mostrar uma menina que conversava com a avó, colocando em dúvida a possibilidade desta um dia ter sido bela. No diálogo, a neta questionava: “Vovó, Vmce. também já foi criança como eu?; e a avó respondia: “Por certo; tão moça e tão bonita como

tu”; para finalmente a menina retorquir: “Vmce. vovó? moça?... e bonita?... (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 10 nov. 1867. A. 1. N. 19. p. 8).



A beleza associada à idade foi mostrada pelo *hebdomadário* até mesmo na tradicional imagem da passagem do ano velho ao ano novo. Os caricatos normalmente utilizavam-se das figuras de um ancião e um bebê ou criança para tal representação, mas a *Sentinela* optou por mostrar o Redator e o Piá interagindo com uma velha

alquebrada e feia, simbolizando o ano que partia e uma jovem no esplendor da idade, designando o ano que chegava. A legenda demonstrava a preferência, referindo-se apenas a uma das figuras: “O ano novo” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 29 dez. 1867. A. 1. N. 26. p. 1).

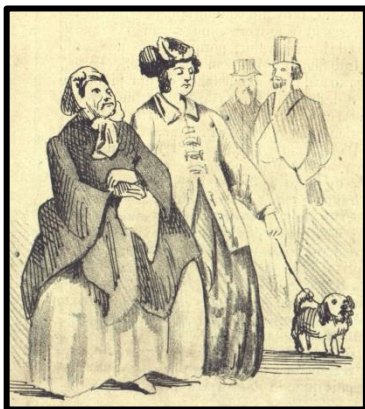
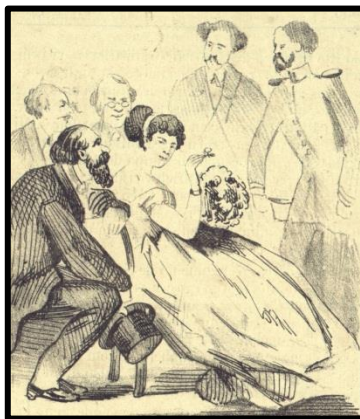
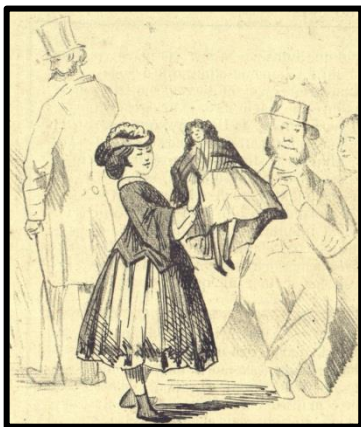


A temática da mulher envelhecida que ficava *para tia*, por não encontrar marido, correlacionada com o fim da beleza voltava a ser inserida no jornal caricato, ao mostrar cena na qual uma família recebia o seu mais novo membro. O gracejo vinha mais uma vez na fala de uma criança, pois a menininha afirmava: “Oh titia, o nenezinho tem a boca como você quando se levanta da cama...”; enquanto a tia mostrava-se surpresa: “Como eu?”; e a menina arrematava: “Sim, senhora, como você, sem dentes” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 26 jan. 1868. A. 2. N. 30. p. 5).



O preconceito quanto à idade da mulher que não arranjava casamento, conforme expressão da época, aparecia também em um jogo de desenhos publicado na folha ilustrada. As gravuras, denominadas “Quatro dias da vida de uma mulher” mostravam diversas etapas atribuídas à existência feminina, todas calcadas na possibilidade/impossibilidade do matrimônio. O primeiro quadro apresentava a mulher ainda criança, que, apesar da tenra idade, segundo o jornal: “Menina, ainda brincando com bonecas, já procura chamar a atenção dos moços”. O segundo trazia a jovem adulada por vários pretendentes e, de acordo com o periódico: “Cercada de admiradores, gosta de dar com a tábua, mas chama sempre a atenção”. O terceiro mostrava a mulher já mais madura, passando ao

largo das atenções masculinas, aparecendo como apreciação do jornal: “Abandonada dos homens, dedica sua afeição à mãe e ao seu cachorrinho”. Finalmente, diante da figura feminina já velha e sem companhia, o semanário descrevia que se tratava de alguém que: “Velha e isolada, dá em fazer versos” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 3 maio 1868. A. 2. N. 44. p. 5).

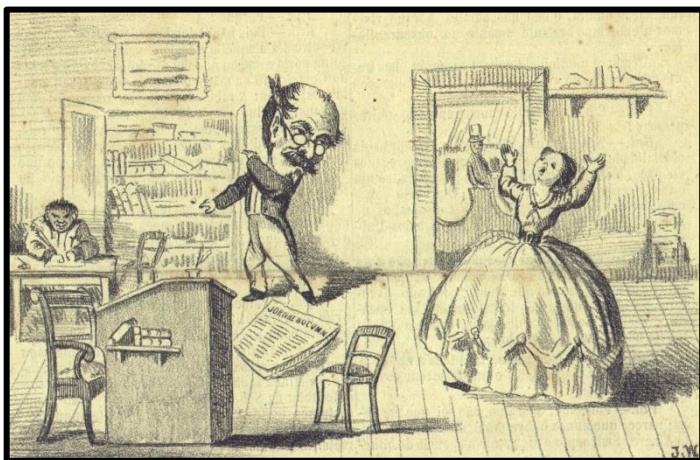


O jornal caricato reproduzia a perspectiva pela qual o inevitável papel social da mulher estava articulado à função de esposa, de modo que a ela só restaria um caminho possível o do casamento. Isso ficou evidenciado em manifestação da folha, desejando felicidades no ano novo para suas leitoras. Todas as indicações de bons augúrios às representantes do sexo feminino ficavam inevitavelmente articuladas ao matrimônio. Tal percepção aparecia na tradicional coluna “Colóquio entre o Redator e o Piá” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 29 dez. 1867. A. 1. N. 26. p. 7):

Agora ouve os outros recados. Às belas leitoras da *Sentinela* dirás que o seu simpático Redatorzinho deseja do fundo da alma, que o novo ano lhes seja ainda mais propício que o que acaba de findar, e que a sua beleza fascinante se conserve em todo o viço e esplendor; às moças solteiras desejo que se casem com pessoa do seu gosto; às mulheres casadas, que Deus lhes conserve a paz doméstica e faça com que o seus maridos não deem em gaiatos; às viúvas, que tornem a casar-se; e às velhas solteiras que Deus lhes ilumine o espírito, a fim de que se abandonem sem mais pretensão mundana alguma ao santo ofício das tias, criando os sobrinhos e ajudando os irmãos e cunhados na regência da casa.

Essa busca incansável das mulheres pelo casamento foi apresentada em outra caricatura da folha hebdomadária, mostrando cena na redação da *Sentinela do Sul*, na qual o Piá trabalhava à escrivaninha e o Redator era surpreendido pela entrada no escritório de uma moça desesperada. A legenda era sucinta: “Por causa de um anúncio”, para depois, nas páginas seguintes, vir a explicação de que se tratava de uma mulher que adentrara aquele ambiente em aflição por ter observado um anúncio de jornal acerca de um pretendente

para o casório. Ela fizera uma confusão, imaginando que o homem casadouro fosse o próprio Redator que teve de desvencilhar-se daquela situação. Toda a estória que complementava a gravura ficava expressa em um trecho de outro “Colóquio entre o Redator e o seu Piá” (A SENTINELA DO SUL, Porto Alegre, 15 set. 1867. A. 1. N. 11. p. 1 e 2-3):



Piá – Então tal moça pensa como o homem do anúncio no *Jornal do Comércio*?

Redator – Não me fales em semelhante anúncio; aquele diabo de homem com o seu “usual costume em toda a Europa e sua necessidade de contrair um dos sete mandamentos da lei de Deus, que representam o mistério sagrado da encarnação”, já me deu mais incômodos do que a *Sentinela* me tem dado desde que a estou dirigindo.

Piá – Por que?

Redator – Pois não te lembras do assalto que sofri outro dia daquela moça que veio de carro apelar-se na porta e entrou no meu escritório com o *Jornal do Comércio* na mão e

querendo se atirar em meus braços, gritou: Aqui estou, belo desconhecido; aqui me tens, sou tua para toda vida; tenho todos os requisitos necessários, menos os vinte contos de réis, mas em troca deles disponho de alguma proteção de pessoas ricas e quero casar-me com V., porque V. parece realizar o ideal daquilo que Paulo de Koch chama – “*um mari commode!*”

Piá – Ah, agora me lembro; meu amo ficou muito zangado, empurrou a moça, que deixou cair o jornal e quase lhe deu um desmaio...

Redator – Foi uma cena patética...

Piá – Mas quem era pateta, meu amo ou a moça casadoura?

Redator – Patético, animal; pateta és tu, e *ela* nada disto tinha, pelo contrário, parecia ser viva como as cobras.

Piá – Gostei de ver o garbo com que meu amo depois a reconduzia para o seu carro; dizendo-lhe: “Minha senhora, devo advertir-lhe que eu sou o Redator da *Sentinela*, homem sério e de bons costumes, e que não só não fiz semelhante anúncio, mas também, quando mesmo o fizesse, não tinha caráter tão ínfimo de constituir-me Editor responsável, que nos seus *talentos sociais* achou meio para fazer uma bela carreira.” Ora, a pobre moça ficou corrida de vergonha, entrou no carro e foi-se. Enfim, gostei do garbo do meu amo.

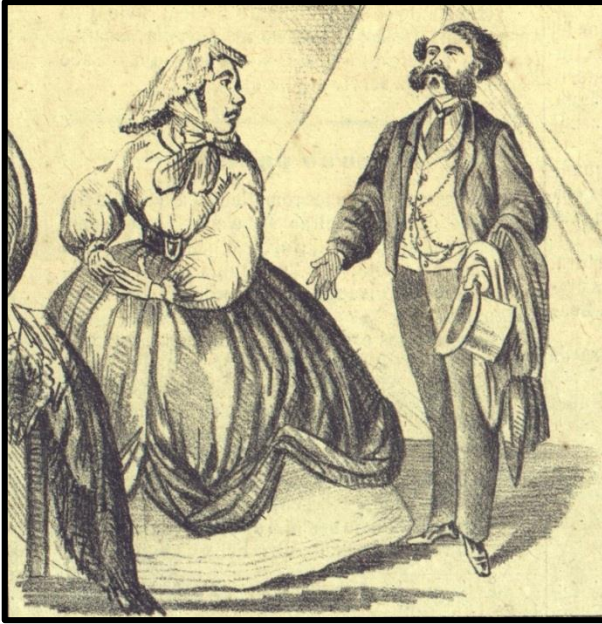
Redator – Mas aquilo também não era coisa que se fizesse a um respeitável literato, homem de costumes são e de boa moral. É certo que representei o meu papel com muita dignidade, e para perpetuar a memória deste meu glorioso feito, mandei fazer o desenho que vai na primeira página.

Os casamentos promovidos a partir de interesses financeiros, em substituição às motivações sentimentais, também foram alvo do olhar crítico do periódico caricato. Foi o caso de uma incursão jocosa ao tema, ocorrida em uma das tantas conversas entre o Redator e o Piá. Em tal

“Colóquio”, o Redator revelava suas razões para jogar na loteria. Ele queria ganhar a “sorte grande” para casar-se com uma mocinha de quem gostava muito e que não queria casar-se com ele, sem que lhe apresentasse pelo menos dezesseis contos de réis em cima da mesa (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 set. 1867. A. 1. N. 11. p. 2).

Em outra oportunidade, os matrimônios realizados unicamente por motivações econômicas voltavam à baila. Tratava-se de outro “Colóquio” do Redator com o Piá, no qual eles conversavam sobre a hipocrisia e o primeiro citava ao outro vários casos em que se manifestavam os hipócritas. Nessa linha, narrava a estória de um rapaz e uma moça que se amavam mutuamente, de modo que o pretendente apelava “ao pai do seu ídolo”, o qual era qualificado como um hipócrita, que desse o consentimento para o casamento, pois ambos se encontravam felizes juntos. Aparentemente o pai dizia aceitar, para depois proibir a filha de corresponder-se com aquele “pobre diabo”, que, por ser pobre, foi repellido pelo tal hipócrita (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 2 fev. 1868. A. 2. N. 31. p. 6).

As desavenças em meio ao casamento também constituíam tema abordado pela publicação rio-grandense-do-sul, como ao mostrar um casal que se desentendia em um baile, uma vez que a esposa reclamava por maior atenção. Nessa perspectiva, a mulher declarava: “Estavas hoje muito pouco atencioso para comigo; porque dançastes primeiramente com todas as moças solteiras, e comigo só por último?”. Diante da indagação, ladino, o marido saía pela tangente: “Minha queridinha, o melhor bocado sempre se guarda para último, como em ocasião do jantar”(A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867. A. 1. N. 1. p. 8).



Interesses e desinteresses mútuos eram também abordados pela folha, como ao mostrar um casal que desfrutava a vida doméstica e a esposa procurava compartilhar o momento com o marido, pretendendo dividir a leitura do jornal. A resposta do marido era evasiva e até estapafúrdia, tudo no sentido de evitar o tal compartilhamento. Mantendo um tom supostamente carinhoso entre ambos, ela solicitava: “Carlos, dá-me por um momento o jornal”; ao que ele rebatia: “Querida Ernestina, vê meus dedos como estão pretos da fresca impressão do jornal, e por isso é fácil que pela leitura possas sujar os teus belos olhos” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 mar. 1868. A. 2. N. 37. p. 8).



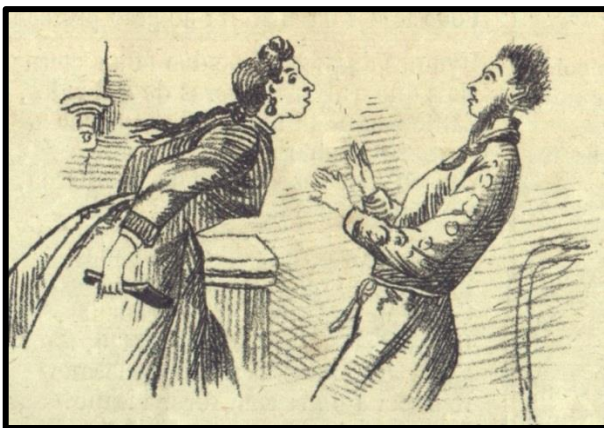
As confusões entre pessoas casadas mais de uma vez eram apresentadas em uma “História ilustrada” publicada pelo jornal. A ideia era mostrar uma versão bem humorada para a historieta de um casal com vários filhos. A princípio, o periódico traçava a explicação inicial. “Casando-se um viúvo, que de sua primeira mulher conservava um filho, com uma viúva que também tinha um filho, no fim de ano tiveram mais um filho”. Em seguida, a estória prosseguia. “Sucedendo mais tarde, que um outro dos filhos gritava em casa, a mulher dizia sempre: – Olhe, quem está gritando é o teu filho e gritando mais uma das crianças, a mulher dizia: “Esta é a minha que está gritando.” E fazendo ouvir-se mais outro, bradavam o home e a mulher juntos: “este é o nosso!” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 14 jun. 1868. A. 2. N. 50. p. 4).



Por fim, o semanário mostrava os encantos e desencantos das relações conjugais, desde o namoro até o casamento. Em um jogo de desenhos, apresentava primeiramente a aproximação inicial entre um rapaz e uma moça, aparecendo a inscrição: “1) Quem foi que tão ternos olhos me deitou, com os quais os meus sentidos perturbou? – Uma menina”. Em seguida, aparecia o casal, já namorando, a trocar carícias e palavras românticas: “2) “Quem foi que com graça um abraço me deu, e o meu coração sobre o seu aqueceu? – Minha menina”. Finalmente, casados, o clima mudava e ambos digladiavam-se em brigas domésticas. A conclusão era funesta: “3) Quem é esta ousada que eu chamo

de bela, que avança ao meu corpo com uma chinela? – Minha mulher.” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 31 maio 1868. A. 2. N. 48. p. 4). A partir destas várias incursões, a *Sentinela do Sul* apresentou suas versões para as tantas venturas e desventuras que cercavam as relações a dois.





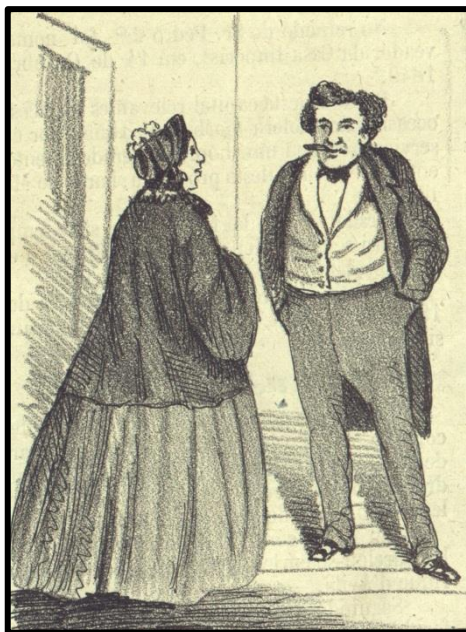
Modas, modas... e mais modas

Ao tratar do feminino, *A Sentinela do Sul* fez várias incursões à questão da moda. A própria existência dos modismos era associada às mulheres, na busca da construção de uma inter-relação inabalável entre ambos. A moda aparecia como um produto a ser consumido quase que invariavelmente pela mulher, trazendo por vezes certos dissabores ao respectivo consorte. Mas, ao mesmo tempo em que surgia como um atributo essencial ao feminino, a moda servia também para a realização da crítica social e de costumes, abrindo espaço para censurar, criticar e mesmo ridicularizar as mulheres que estariam a se entregar desmedidamente aos ditames dos modismos.

A abordagem da moda em si mesma esteve presente nas páginas do semanário porto-alegrense, como ao mostrar o encontro de dois indivíduos, um calmo, tentando puxar conversa, e o outro correndo em disparada, com feição de plena intranquilidade. O embrulho que o segundo carregava e o diálogo entre eles traçado viria a explicar a circunstância, a qual advinha da caracterização do modismo como algo extremamente fugaz, pois a razão da correria do apressado era exatamente levar um presente para sua esposa a tempo de que o mesmo deixasse de estar “na moda”. Assim, enquanto o primeiro perguntava: “Que tanta pressa tem você?”, o outro, resfolegado, dizia: “Pelo amor de Deus não me faça demorar; acabo de comprar um chapelinho para minha senhora e tenho medo que a moda acabe, antes de chegar em casa” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 18 ago. 1867. A. 1. N. 7. p. 8).



A moda pela moda aparecia também em outra gravura que representava a conversa entre marido e mulher. Ele questionava sobre a aquisição de um novo utensílio e ela respondia que até tivera a intenção de presentear o esposo pelo seu aniversário, mas, sucumbindo aos anseios do modismo, optara por adquirir a peça do vestuário para si. Nessa linha, o marido perguntava: “Então Luiza, já estás outra vez de chapelinho novo?”; e ela replicava: “É verdade, meu marido; como hoje fazes anos, quis te fazer uma surpresa comprando-te um chapéu novo: mas como o teu ainda está em bom estado, comprei antes um para mim” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 13 out. 1867. A. 1. N. 15. p. 4).



A moda em si mesma também era vista pela *Sentinela* pela óptica da crítica de costumes, ao censurar que os trajes das pessoas, mormente as mulheres, correspondiam aos hábitos e costumes estrangeiros e não às condições locais/nacionais. O desenho mostrava o tradicional footing de casais pela rua, todos exibindo suas luxuosas indumentárias seguindo à risca a moda parisiense. A imagem não tinha legenda, limitando-se, laconicamente, mas com carga extra de ironia, a lavrar a expressão: “Moderníssimas modas de Paris” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 26 jan. 1868. A. 2. N. 30. p. 8).



A perspectiva dos modelos e moldes como concernentes à ação das modistas foi também destacada nas ilustrações do hebdomadário caricato como ao mostrar uma galante figura feminina, posando à beira de uma mesa, em uma postura clássica, com uma das mãos sobre o espaldar de uma cadeira e a outra carregando um livro. A figura serviria somente para ser tomada como base para uma encomenda de vestimentas, conforme explicitava o texto: “Sra. modista. – Preciso que a Sra. me apronte dois vestidos nos próximos 8 dias, mas como não posso ir à cidade,

mando-lhe o incluso retrato para tomar” as medidas (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 19 abr. 1868. A. 2. N. 42. p. 5).



As vestimentas foram outro tópico vinculado à moda que apareceram na *Sentinela*. Foi o caso de uma cena de rua, em Porto Alegre, na qual o Redator e o Piá observavam os hábitos relacionados às indumentárias, entre os passantes. Em meio aos prédios, havia destaque especial para uma loja de roupas e uma fábrica de chapéus, bem de acordo com o fulcro crítico da gravura. O negrinho apontava para as senhoras que passeavam e perguntava se elas não usavam mais a armação que dava volume aos seus vestidos, ao que o Redator respondia negativamente, justificando que tal hábito derivaria da moda e a jocosidade intensificava-se com a tréplica daquele. Nessa linha desencadeava-se o diálogo, no qual o Piá questionava: “Oh, meu amo, o que é

isto? Aquela senhora já não anda mais com a geringonça de aço, que costumavam trazer amarrada na cintura?"; ao que o Redator esclarecia: "Não, porque a moda já passou...". Diante disso, o Piá sentenciava: "Está bom, então eu também fiz bem de tirar a minha tanga de plumas, é preciso sempre andar no rigor da moda" (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 14 jul. 1867. A. 1. N. 2. p. 1).



Tal ilustração viria a ser comentada na edição seguinte, por meio de um "Colóquio entre o Redator e o seu Piá", no qual apareciam também várias apreciações acerca da moda (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 21 jul. 1867. A. 1. N. 3. p. 2):

Piá (entrando com um grande maço de buquês nas mãos) – Aqui estão, meu amo; todos esses buquês lhe foram mandados por diversas moças, cujos nomes anotei neste papelzinho.

Redator (tomando o papel e os buquês) – Bem digo, que sou querido das moças; olha só como elas me perseguem com sinais de simpatia e afeto...

Piá – Mas não é pela sua linda cara...

Redator – Então porque é?

Piá – É porque gostaram do negócio das modas na 1ª página do 2º número.

Redator – Como assim?

Piá – Já lhe conto; as moças e o madamismo em geral lamentam profundamente o prematuro passamento da crinolina; mas não tendo coragem para se revoltarem contra a sua despótica rainha, a moda, tristes e chorosas se sujeitam ao duro decreto da mesma Augusta Senhora, e vão tirando e deixando no canto, aqueles engenhosos armadilhos de aço e fita, que não só lhes davam um certo realce pela elegância inata no *tundá*, como ainda lhes permitiam mostrar, ao passar pelas ruas, os seus microscópicos e bem calçados pezinhos.

Agora aparecem aquelas mortalhas lisas e munidas de cauda, que as obrigam a se mostrarem escorridas; a todas repugna a mudança; mas que fazer? A moda falou, e não há remédio, senão irem sujeitando-se aos caprichos dessa deusa predileta do belo sexo. Vendo agora no 2º número a tal moda nova bem ridicularizada, todas gostaram e por isto lhe mandaram estas flores.

Redator – Pois eu lhes teria ficado mais obrigado, se estas demonstrações de simpatia fossem devidas à agradável impressão que lhes deve causar o meu físico. Acresce mais, que eu não tive intenção de ridicularizar a tal moda nova, porque acho abominável a saia-balão, e reconheço nos vestidos atualmente em voga, uma grande vantagem pública.

Piá – Qual é?

Redator – O asseio das ruas. Passando duas ou três moças com vestidos modernos, por uma qualquer rua, as calçadas ficam limpas e varridas, como em dias de procissão;

e isto é não pequena vantagem para o asseio da cidade e a higiene pública.

Piá – Tem razão, meu amo; não me lembrava disto. E esta utilíssima moda durará muito?

Redator – Qual, quando é que V. já viu uma moda durar muito tempo? Aí estão por exemplo os mais modernos figurinos vindos de Paris, nos quais se vê as rainhas da moda parisiense, com vestidos curtos, ou melhor saíotes, em vez de vestidos, ficando descobertos os pés até muito acima do tornozelo.

Piá – E esta moda pegará aqui?

Redator – E porque não? Somente não há de pegar geralmente, porque as madamas que não tiverem pé pequeno e perna bem torneada, não hão de estar pelos autos.

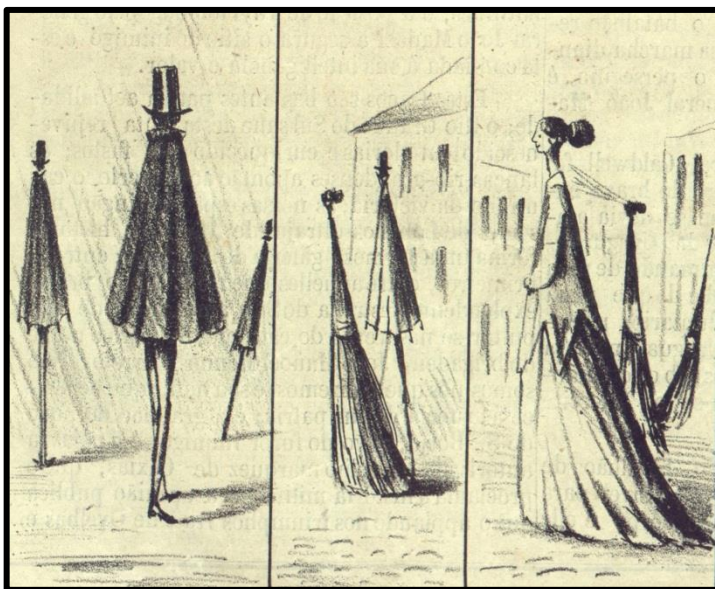
Piá – Então veremos nas ruas moças com vestidos de cauda comprida e outras apenas com saíotes de dançarina?

Redator – É provável; e assim vai o mundo; em toda a parte *les extremes se touchent*.

Piá – Que quer dizer isto?

Redator – Isto significa que dos contrastes nasce a harmonia, e que todas as coisas levadas ao extremo, se confundem.

Na mesma linha, o periódico ilustrado publicava caricatura exercendo a crítica de costumes, ao mostrar homens e mulheres esqueléticas a passear pelas ruas. O intento era passar a ideia dos sacrifícios feitos em nome da moda, comparando as vestimentas e os hábitos das pessoas a utensílios como o guarda-chuva para o sexo masculino e a vassoura, para o feminino. Ficava mais uma vez inserida a censura ao excesso de influência estrangeira nos modismos. Sem legendas, a caricatura era acompanhada apenas pelo dizer: “Moderníssimas modas de Paris, à la chapéu de sol e à la vassoura” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 1º dez. 1867. A. 1. N. 22. p. 4).



A moda previa que as vestimentas deveriam ser complementadas por uma série de utensílios. No caso da mulher, uma dessas complementações mais fundamentais seria o leque que exerceria uma função bem mais ampla do que simplesmente amenizar o calor, servindo como uma peça básica para o embelezamento, no quadro geral da indumentária. Nesse sentido, o semanário mostrava cena na qual, em primeiro e segundo plano, apareciam moças muito bem trajadas, mas com uma peculiaridade, ao invés de leques, elas usavam as próprias mãos, cujos dedos encontravam-se ligados por membranas, para abanar-se. A pilhéria estava exatamente em sugerir que a ânsia feminina por seguir a moda poderia até mesmo, caricaturalmente, criar uma mutação corpórea nas mulheres, de modo a não deixar de acompanhar as novidades. A referência à

importação de modismos estrangeiros também voltava à baila. A legenda era bastante lacônica, mas plenamente jocosa: “Leques a morcego (última moda de Paris)” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 19 jan. 1868. A. 2. N. 29. p. 8).



Em perspectiva próxima, a folha caricata mostrava o que considerava como ridículo exagero na busca do apuro por estar na moda, apresentando um casal visto propositalmente pelas costas para destacar o enorme laço que enfeitava a vestimenta da mulher. Tal apetrecho não deixava de ser uma insinuação quanto à figura feminina ter figurativamente desenvolvido asas apenas para acompanhar os modismos, de modo que, nada mais natural que uma simulação de borboleta na estação primaveril. O homem, com sua casaca, não ficava para trás, havendo também a simulação de uma espécie de carapaça de um besouro. A legenda era mais uma vez curta e incisiva: “Moda

moderna para a primavera. Vestido à la borboleta” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 21 jun. 1868. A. 2. N. 51. p. 8).



No que tange à moda, uma das predileções da *Sentinela do Sul* foi fazer graça com os penteados femininos, retratando mulheres que estariam a arrumar seus cabelos das formas mais extravagantes, tudo para destacar-se e, evidentemente, estar na moda. Foi o caso de um “coque a

cavalo”, caricatura que mostrava uma moça de perfil, ostentando um grande coque que simulava um lombo equino, contando inclusive com todos os utensílios e arreios da montaria. A crítica ao estrangeirismo dos modismos também voltava a ser demarcada, uma vez que o título do desenho era “Modas de Paris” e a sucinta legenda limitava-se a expressar em francês: “*Chignon a la cheval*” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 dez. 1867. A. 1. N. 23. p. 8).



Na concepção da folha, a inserção de tal toucado parecia ter gerado repercussões, tanto que o hebdomadário voltaria ao tema em um “Colóquio entre o Redator e o Piá” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 dez. 1867. A. 1. N. 24. p. 2):

Redator – Que é que aconteceu?... Estás com cara assustada, como nunca te vi...

Piá – Ah, meu amo, se Vmce. soubesse o que eu sei, também havia de estar um pouco menos plácido e sossegado!

Redator – Então o que é?

Piá – Nada menos do que uma conspiração feminina contra a preciosa existência do meu amo!

Redator – Uma conspiração?

Piá – Sim senhor; todas as moças que usam de coque fizeram uma reunião secreta, e resolveram por unanimidade de votos, mandarem agarrar o meu amo e remetê-lo preso e amarrado para Bagé, ao mestre de línguas (...) a fim de ele estaquear o meu amo até falar *Moçambique*.

Redator – Virgem Nossa Senhora!! Então por que foi isto?

Piá – Pois meu amo não vê, que aqueles anjinhos deram furioso cavaco com a história do novo penteado *à la cheval*, de que meu amo apresentou o figurino no último número?

Redator – É por isto?

Piá – Então é pouca coisa?

Redator – Pensei que elas não dessem cavaco com a verdade.

Piá – Mas meu amo bem sabe que nem todas as verdades se querem ditas, e ainda menos desenhadas. O caso é que desta vez a crítica lhe vai sair cara, porque não só está arriscado a ir aprender línguas em Bagé, como ainda de mais

a mais perder as simpatias de todas as suas amáveis leitoras, que tantas festas lhe faziam. Quando mesmo o tenebroso plano filológico não tenha execução, o que bem pode ser, porque, passada a primeira raiva, o bom coração das moças porto-alegrenses não há de querer imolar uma existência humana às suas justas iras, pelo menos fica o meu amo privado de comparecer nos bailes, onde tanto se diverte, porque de hoje em diante está exposto a trinta mil dessas vingançazinhas em que o sexo feminino abunda.

Redator – Se não for senão isto, ainda o caso não está muito preto, porque então abandono as moças ao seu destino, e dedico toda a minha atenção às velhas, que, sensíveis a esta preferência, farão parede para defenderem o seu fiel e devotado cavalheiro servente.

Piá – Está bom; meu amo está facilitando o caso.

Redator – Qual, nisto não há facilitar; as moças são todas naturais de bom gênio; a raiva lhes dá forte, e passa logo, como a chuva de verão; qualquer dia destes faço-lhes meia dúzia de elogios ou apresento alguns figurinos moderníssimos (sem serem caricatos) e as pazes estão feitas.

Não satisfeito com a chalaça, o periódico voltaria ao tema, buscando demonstrar que algumas mulheres poderiam ter chegado a acreditar que o “coque a cavalo” seria realmente uma moda importada de Paris. Para tanto, desenhou uma moça sentada à beira de sua escrivaninha a escrever uma carta à redação do *hebdomadário*, encomendando aquele penteado. Nesse sentido, a folha, além de criticar os excessos do modismo, sugeria a ignorância como qualificativo de algumas mulheres. A legenda era representada pela fala da moça: “Acabo de escrever ao redator da *Sentinela* para ele me fazer o favor de mandar vir de Paris um *chignon à la cheval*” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 dez. 1867. A. 1. N. 25. p. 8).



O tema dos coques voltaria às páginas da *Sentinela do Sul* ao apresentar um conjunto de quatro caricaturas retratando moças em diferenciados penteados. Publicado no início do ano, sob o título “Modas para 1868”, os desenhos imputavam a si mesmos uma suposta intenção prognóstica, quanto às tendências do modismo para aquele período (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 mar. 1868. A. 2. N. 38. p. 5).

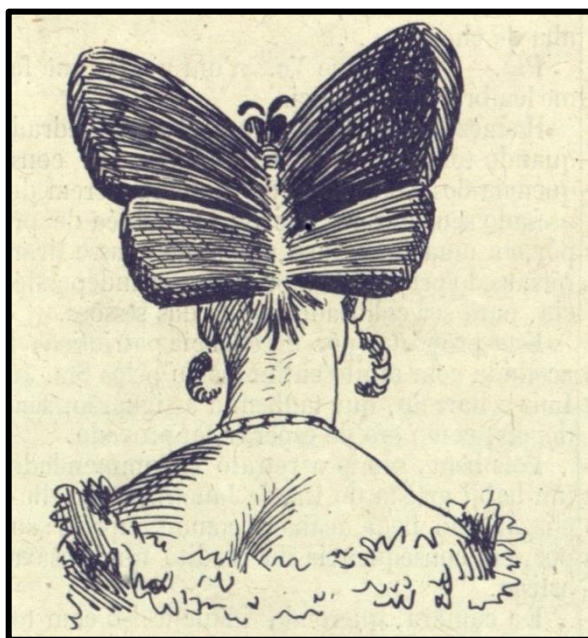
O primeiro penteado era identificado como “coque moderno à la fronte”, mostrando uma figura feminina com uma forma esdrúxula de arrumar os cabelos, uma vez que o seu coque, ao invés da tradicional posição, era deslocado para frente, ostentando por sobre a testa. Segundo o jornal, tal penteado “tem a grande vantagem de tornar desnecessário o chapelinho, visto que serve para segurar o véu”.



O outro era o “coque à la double”, também por demais excêntrico, por tratar-se de um penteado duplicado, com um coque para a frente e outro para trás. Além disso, havia uma incursão censória quanto a uma suposta levandade entre algumas mulheres. De acordo com a folha, tal penteado era “muito apropriado para estabelecer o equilíbrio em cabeças levianas”.

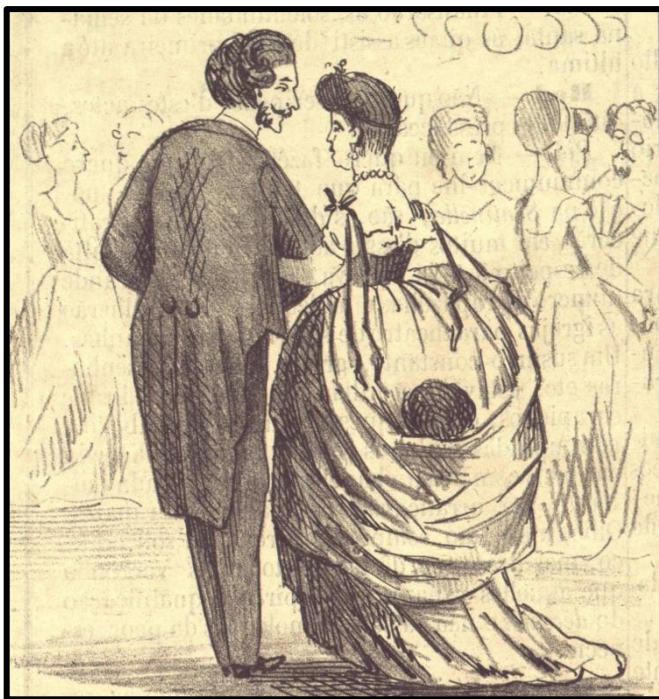


A inspiração animal, outras vezes abordada pelo semanário caricato, voltava à tônica no terceiro e quarto desenho do conjunto caricatural. Tratava-se de um “toucado moderno à la borboleta, visto por de trás” e outro “toucado à la borboleta, visto de frente”. Os dois ângulos do penteado revelavam que não se tratava apenas de um ajuste no formato dos cabelos e sim a reprodução meticulosa da figura do inseto alado, em alusão ao comportamento de algumas mulheres que supostamente ficariam a borboletear, sem fixar atenção em nada. Já a expressão “moderno”, refletia o reinado da busca da sincronia com a moda.





O olhar crítico sobre os penteados era associado à questão da vestimenta em outra caricatura, mostrando um casal em um baile. Ele cochichava ao ouvido da moça, informando-lhe dos infortúnios a que a moda a tinha levado, pois a sua peruca havia caído e ficado escondida em meio à grande cauda que seu vestido ostentava. A censura acerca da submissão feminina à moda recaía não só em relação ao uso de cabelos postiços, como também aos enchimentos utilizados na parte traseira das vestes, de modo a dar maior volume a uma parte específica do corpo. A legenda correspondia à conversa entre o casal. Enquanto ele dizia: “A senhora não sente a cabeça mais aliviada?”; ela respondia: “Sim, senhor”; e o rapaz replicava: “É que perdeu alguma coisa” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 19 abr. 1868. A. 2. N. 42. p. 5).



O penteado assumia feições zoomórficas mais uma vez nas páginas da *Sentinela do Sul*, ao mostrar um outro perfil feminino denominado “toucado moderno à la gata”. Dessa vez o coque da moça ganhava grande volume, imitando o corpo de um felino gordo, mas não se limitava a isso, pois apareciam também simulações do rabo e das patas do animal, feitos também com o cabelo. A culminância vinha com as orelhas do gato, que também compunham o penteado, e as feições da modelo, igualmente transfiguradas para aproximar-se dos felídeos (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 19 abr. 1868. A. 2. N. 42. p. 5).



Estas duas últimas inserções quanto a coques contariam com um breve comentário apresentado em um trecho de mais um “Colóquio entre o Redator e o seu Piá” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 19 abr. 1868. A. 2. N. 42. p. 7), no qual aquele ordenava este:

Redator – Às minhas belas e amáveis leitoras, com quem há muito tempo não tenho conversado um bocadinho, dirás que para não deixar de seguir o exemplo do *Rio-Grandense* que agora as mimoseia com correspondências fluminenses sobre modas, ofereço-lhes hoje o fac-símile de um novo toucado, que muito lhes deve agradar. Espero nos próximos dias encontrar algumas das leitoras da *Sentinela* penteadas *à la gata*, mas desde já lhes recomendo que preguem bem o coque para que não lhes aconteça ficarem aliviadas, como aquela outra madama de que também dou o retrato neste número.

A inspiração era muito próxima em outro penteado chamado de “toucado a abelheira”. Nessa ilustração, o coque da moça assumia perfeitamente a forma de uma colmeia. A perfeição seria tanta que não faltavam as próprias abelhas a esvoaçar a figura feminina. Completava o quadro, a presença de um brinco também assumindo a forma do inseto que produz mel e cera. Poderia ser uma incursão simbólica elogiosa às mulheres, comparando suas ações ao ato de abelhar, ou seja, andar diligente ou trabalhar intensamente, à semelhança das abelhas, ou ainda agir em nome de um interesse em comum. Mas, seguindo a linha editorial do periódico, a alusão estaria muito mais vinculada aos possíveis riscos nas investidas em relação ao feminino, comparadas ao ato de mexer em um abelheiro (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 17 maio 1868. A. 2. N. 46. p. 4).



As excentricidades capilares foram mais uma vez tema das apreciações do semanário ao apresentar duas moças em um baile. Elas observavam estupefatas que tinham cometido um erro fatal em termos de modas, estando com seus respectivos coques trocados. Além do tom jocoso da situação, o periódico trazia também a crítica quanto à atribuição de uma certa identidade do feminino com a futilidade, tudo para corresponder aos ditames do modismo, inclusive a utilização de cabelos postiços, em busca do constante embelezamento. Nessa linha, as moças conversavam: “Que é isto, Luizinha, está com o coque preto? Virgem Nossa Senhora, e tu estás com um ruivo. Maldita criada, trocou os nossos coques!!!” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 17 maio 1868. A. 2. N. 46. p. 4).



Um novo conjunto caricatural foi publicado na sentinela tendo por mote os penteados femininos. Eram três modelos que mostravam arranjos capilares carregados de extravagâncias (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 24 maio 1868. A. 2. N. 47. p. 8). O primeiro era identificado como “coque à la fumo”, de modo que os cabelos da moça eram penteados na forma de fumo em rolo, com o detalhe do brinco em formato de cachimbo. O segundo era o “coque à la luto”, provavelmente indicado para viúvas, trazendo os cabelos em um toucado que aludia a uma noite escura, servindo os adereços para a reza e o pranto em relação ao morto.





Já o terceiro toucado deste conjunto de desenhos era o mais complexo. Intitulava-se “coque à la campanha”, em referência à área rural sul-rio-grandense. Nessa perspectiva, os cabelos eram penteados de maneira a simular uma espécie de coxilha, elevação típica dos campos gaúchos. No topo do “pequeno monte” aparecia uma ave pernalta e o ambiente bucólico era completado por um sapo que surgia no formato do brinco. O quadro ainda incluía, misturados entre os cabelos, um telhado e a chaminé de uma vivenda, também característica das vivências campestres. Desse modo, a *Sentinela do Sul* não poupou tintas na tentativa de demonstrar uma verdadeira fixação do feminino no respeito aos preceitos da moda.



#####

Assim, como a maior parte da imprensa caricata que se espalhava pelo mundo, a *Sentinela do Sul* contribuiu na edificação de representações, articulando-se uma perspectiva que em muito aproximava a imagem da mulher caricaturada com aquela criada pelo viés popular no dia a dia, naqueles meados do século XIX. Em tal quadro, as imagens das mulheres, que eram naturalmente múltiplas, foram construídas e reconstruídas pelos traços caricaturais, em um caminho de mão dupla, à medida que o hebdomadário ilustrado influenciava a sociedade na qual circulava e era por ela influenciado, de modo que as figuras

femininas presentes em suas páginas eram resultado dessa amalgamada interinfluência. A mulher, “anjo” ou “demônio”, aflorava naquelas páginas, uma vez que, na arte do caricaturista, o cômico aparecia como um meio que o desenhador se servia para tornar manifestas aos olhos as contorções que ele observava na sociedade (BERGSON, 1993, p. 31-32). Primeira experiência da imprensa caricata no sul do Brasil, *A Sentinela*, por meio de sua produção textual e pictórica, reconstruiu e refletiu as imagens acerca do feminino, tão candentes naquela segunda metade dos Oitocentos (ALVES, 2019, p. 22).

Referências bibliográficas:

ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa, caricatura e historiografia no Rio Grande do Sul: ensaios históricos*. Rio Grande: FURG, 2006.

_____. *Imprensa caricata rio-grandense-do-sul e Guerra do Paraguai: imagem, informação e conflito discursivo*. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Imprensa, história, literatura e informação – Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos*. Rio Grande: FURG, 2007. p. 245-254.

_____. *A Guerra do Paraguai e a imprensa caricata*. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *A Guerra do Paraguai e a imprensa rio-grandense-do-sul: ensaios históricos*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2016. p. 9-72.

_____. *A mulher e as relações de gênero em imagens e textos: visões do feminino e do casamento na imprensa caricata portuense no último decênio do século XIX*. Lisboa: CLEPUL, 2019.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. 2.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

BESSE, Maria Graciete. *Percursos no feminino*. Lisboa: Ulmeiro, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Lisboa: Relógio D'água, 2013.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

FRAISSE, Geneviève & PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdades. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dir.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1994. v. 4. p. 9-15.

RIELLO, Giorgio. *História da moda: da Idade Média aos nossos dias*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2013.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramentos/convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

ZELDIN, Theodore. *Uma história íntima da humanidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



CIDH

Cátedra Convidada FCT / Infante Dom Henrique
para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

ISBN: 978-85-67193-36-6

